

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO

EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

O PROBLEMA DO BIQUEIRÃO APRECIADO PELOS INDUSTRIAIS DE FILETAGEM E DE SALGA

«Desde que a indústria estivesse abastecida para a sua laboração normal, o excesso de pesca seria aproveitado pelas estivas para exportação do biqueirão salgado para vários mercados, a exemplo do que se fazia no passado (antes da proibição da exportação do biqueirão salgado).»

«...Pois se as salgas só vivem hoje quase exclusivamente do biqueirão em salmoura, que vendem, praticamente na sua totalidade, às filetagens e aos industriais de molhos, ficariam sem esses compradores desde que o contingente se efectuasse, porque cada unidade industrial conhecedora do seu contingente iria abastecer-se nas lotas do biqueirão fresco ajustado a todo esse contingente. Que fariam então as salgas?»

SABE-SE que não é invejável presentemente a situação da indústria das anchovas. O assunto já foi abordado pelo *Jornal do Algarve* e acerca dele tecemos as considerações que

UM LIVRO DE CASIMIRO DE BRITO:

«Poemas da Solidão Imperfeita»

pelo eng. J. SILVA CARVALHO

QUIS a direcção de *Jornal do Algarve* que fossem da minha lavra as impressões a «*Poemas da Solidão Imperfeita*» que Casimiro de Brito acaba de pôr em publicação. Sabido como sou independente e teimoso em escrever apenas o que a minha consciência muito bem entende, a incumbência alegro-me sobremaneira, posto significa que sendo embora como sou, não tenho sido de todo em todo injusto.



Casimiro de Brito

Para já, não conheço Casimiro de Brito. Sei apenas que nasceu em Loulé no ano de 1938, tratando-se portanto dum jovem dado às musas e ao jornalismo. Li e reli os seus poemas. Anotei-os e racionei-os da primeira à última página. Procurei interpretá-los, e formei uma opinião muito

Conclui na 6.ª página

nos pareceram mais ajustadas, de acordo com os interesses da economia regional que, no presente caso, envolve a economia nacional, se tivermos em conta que as anchovas representam muitos milhares de contos de divisas que estimulam a nossa precária economia. O nosso ponto de vista parece não ter agradado totalmente a alguns sectores e em face desta discordância, resolvemos ouvir as duas partes aparentemente desentendidas. Quanto a nós, continuamos a defender o que julgamos ser melhor — a criação de uma central de vendas que discipline o mercado, porque este regime de cada um vender como pode só traz consequências desastrosas para todos — pescadores, salgadores, conserveiros e importadores, sem benefício para o consumidor que ignora a luta desesperada e insensata que se trava entre estas actividades. Há uns três ou quatro anos houve alguém que se prontificou a estabelecer uma

Conclui na 5.ª página

ELECTRICIDADE

Em 1956 o Algarve consumiu 9.045.000 quilovátios de electricidade, mais, portanto, que os distritos de Beja, Bragança (o mais insignificante consumidor), Portalegre e Viana do Castelo. A «loba» foi Lisboa e o seu distrito, com 403.227.000.

O ALGARVE NA OBRA de Teixeira Gomes

II

por J. MIMOSO BARRETO

CASTELO Branco Chaves afirma que o principal elemento da composição do estilo gomesiano é a linguagem, que o autor do «Agosto Azul» conhece e trabalha admiravelmente.

Teixeira Gomes tem um conceito de vernaculidade bastante mais amplo do que o exigem os linguistas puros: «Que o purista estreme se não assuste com certas inovações ou liberdades».

O emprego dos neologismos, dos galicismos, por exemplo — procla-

EMPRESA DE PESCA de atum à linha

Informam-nos que vai ser dotado com mais 100.000 contos o Fundo de Fomento das Pescas e que parte desta verba, será aplicada na constituição de uma empresa de pesca de atum à linha, da qual serão sociárias as companhias do Algarve que se dedicam à pesca do atum. A iniciativa, ao que também nos informam, partiu do sr. comandante Henrique Tenreiro.

ma — em nada prejudica a trama da prosa dos nossos escritores de raça, que os sabem escolher para ensanchar e colorir o significado da expressão.

Eis em que consiste, para Teixeira Gomes, a pureza linguística: «A vernaculidade, o espírito da língua, reside sobretudo na composição da frase, no arranjo do período, na maneira de vestir a ideia para a apresentar em público».

O conceito de vernáculo em Teixeira Gomes é irmão gêmeo, por exemplo, do de Miguel de Unamuno, o qual, num artigo intitulado «Contra o purismo», evidenciou que, assim como nenhum povo pode viver isolado se quer acompanhar a civilização e a cultura, também nenhum idioma pode chegar a ser verdadeiramente culto senão através de um livre-cambismo com os outros idiomas.

Para os autores não-puristas, a intelegibilidade é o principal requisito que condiciona a liberdade linguística.

O escritor português «zomba» da «exclusiva bitola» pela qual a nossa crítica literária oficial mede os talentos artísticos apreciando-os pelo grau de vernaculidade da lingua-

Continua na 4.ª página

ESTÃO EM RISCO DE SE PERDEREM centenas de toneladas de cavala

INFORMAM-NOS que tanto nas fábricas do Algarve como do Norte estão em depósito, a aguardar possibilidades de exportação, umas 2.000 toneladas de cavala em salmoura, com a agravante de que mais de 1.000 toneladas são da temporada de 1956, correndo estas o risco de se estragarem o que equivale, como é de supor, a um prejuízo muito grave para a indústria. Este risco incide especialmente sobre as cavalas enlatadas no Algarve onde, devido às temperaturas elevadas, o peixe está mais exposto a deterioração. Dizem-nos também que o mal poderia talvez evitar-se se se procurasse exportar a cavala para os mercados da Bulgária e da Roménia que se abastecem da Grécia através da qual, segundo se julga, tem sido negociada alguma cavala portuguesa, fazendo-a passar como mercadoria oriunda daquele país.

Em face da situação e dado que o nosso mercado não está habituado a consumir cavala em salmoura, parece-nos que as entidades competentes devam estudar rapidamente o problema para se evitarem prejuízos muito graves.

O ATUM COMO NASCE E SE DESENVOLVE

pelo capitão-de-mar-e-guerra JOSÉ SALVADOR MENDES



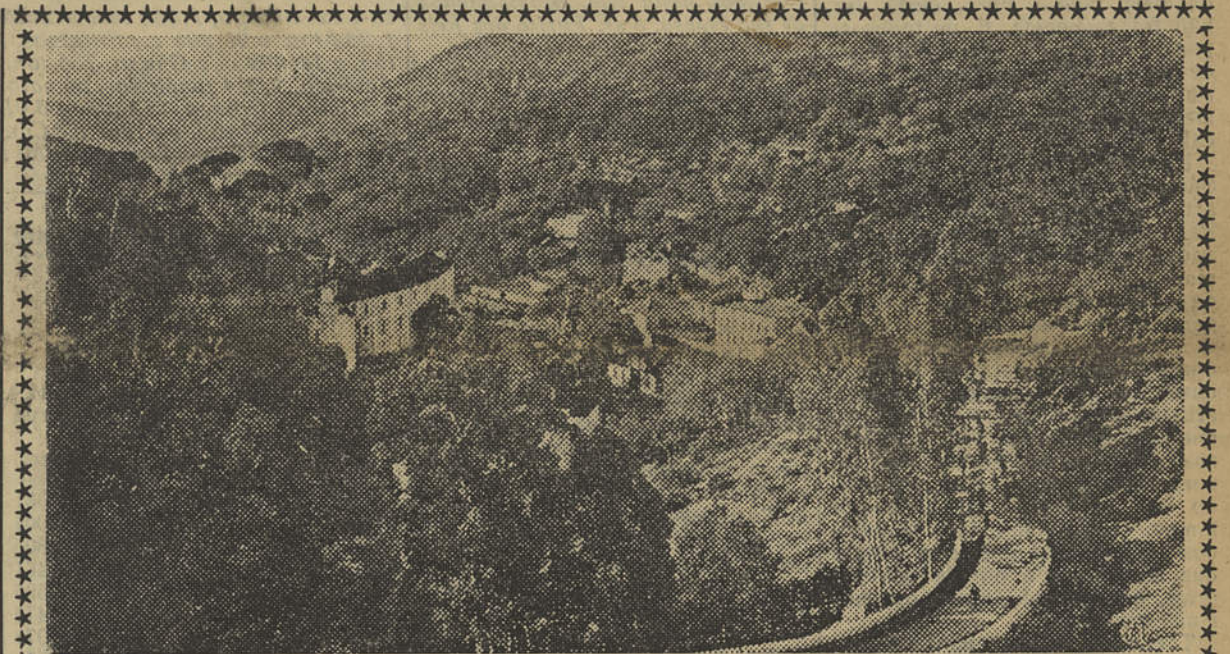
Aspecto da descarga de atum no cais comercial de Vila Real de Santo António

○ ATUM põe os ovos em local adequado e na época própria. Estes ovos, transparentes e com cerca de um milímetro de diâmetro, flutuam no mar como gota oleosa. Deles nascem larvas. Estas, porque são quase iguais às dos outros escómbridos, são muito difíceis de identificar.

Os novos seres nascem durante os meses de Maio a Agosto e, por volta de Setembro, já têm tal desenvolvimento que pesam cerca de meio quilo, cada um deles. Com um ano, pesam cerca de quatro quilos; e, com dois anos, pesam aproximadamente dez quilos. Entram na adolescência ao terceiro ano, quando já pesam cerca de quinze quilos. Estão então aptos para a reprodução. E, para isso, empreendem as suas periódicas viagens, acompanhando assim os grandes indivíduos que anualmente frestam as «áreas de postura», até ao domicílio de Inverno.

Os atuns que se capturam nas armações fixas são exemplares ve-

Visado pela delegação de Censura



Uma vista panorâmica da frondosa mata das Caldas de Monchique

Novo juiz da comarca

NA segunda-feira assumiu as funções de primeiro magistrado desta comarca o juiz sr. dr. Vitor Manuel Leite Marreiros, que a seu pedido veio da comarca de Miranda do Douro. A posse foi-lhe conferida pelo sr. dr. José X. da Silva Cavaco, conservador do Registo Predial, e no acto, muito concorrido, usou também da palavra o sr. dr. Ventura Dionísio Parreira Vieira, delegado do procurador da República. Ambos os oradores saudaram o empossado e lhe desejaram felicidades no desempenho do seu cargo. No final, aquele magistrado agradeceu as palavras que acabavam de lhe ser dirigidas, bem como a presença das individualidades que assistiam à cerimónia.

Demografia

Em Setembro findo, o movimento demográfico do Algarve foi o seguinte: casamentos, 221; nascimentos, 568 e óbitos, 226.

AS CALDAS DE MONCHIQUE CENTRO DE TURISMO E DE CURA!...

por ARNALDO MARTINS DE BRITO

TURISMO, significa prazer de uns a proporcionar trabalho a muitos. E se o trabalho é o benfeitor supremo da Humanidade, todas as nações procuram desenvolvê-lo por todas as formas.

Entre os problemas que mais interessam à grande maioria dos países, o turismo ocupa lugar destacado. No aproveitamento das suas belezas naturais, procuram os países o máximo rendimento, proporcionando as condições de vida necessárias, o aperfeiçoamento das vias de comunicação, as facilidades de alojamentos e a reputação das suas praias e termas. Tudo isto é turismo, tudo isto concorre, para a valorização da sua economia.

Apreciando todas estas particularidades que caracterizam o turismo, e procurando amoldá-las ao nosso Algarve, encontro que temos das melhores belezas que possam existir. Mas, os aperfeiçoamentos, as facilidades e a reputação, só continuo a vê-los e a senti-los na própria natureza, porque o homem, esse desconhecido, mantém o propósito de não fazer caso das vias de comunicação: o aeroporto; dos alojamentos: a organização hoteleira; da reputação: a estância termal.

Sobre o aeroporto, o sr. eng. dr. José António Madeira, com a sua elevada competência, já situou e muito bem este assunto no seu devido plano, prestando-lhe as honras do seu saber e da sua inteligência. No respeitante à organização hoteleira, muita gente conhecedora já abordou e traduziu a sua maneira de sentir sobre este importante

problema. Finalmente, com referência à estância termal das Caldas de Monchique, também a matéria é já muito falada e discutida. Protestos de todos os lados e quando tudo parecia caminhar para um resultado feliz, surge a morte do inolvidável ministro Duarte Pacheco, o construtor da Lisboa Nova, que não teve a sorte de dar aos seus compatriotas uma obra — a meu ver — que o tornaria ainda mais notável — a das Caldas de Monchique.

Várias tentativas feitas depois, de pouco ou nada serviram. Mas, quando se observam as transformações das coisas, sente-se ardente desejo de penetrar nas causas, procurando-se as razões por que se

Conclui na 6.ª página

TRÊS MILHÕES de turistas visitaram a Espanha

NO ano findo visitaram a Espanha três milhões de turistas, mais 25 por cento que no ano de 1956. A indústria hoteleira espanhola já tomara com antecedência providências, registando-se só em Barcelona um aumento de mais de 16.000 camas.

Mas a que propósito estamos nós a falar de turismo e hotéis?! Como se coisas tão «insignificantes» pudessem interessar o Algarve! Pois temos nós aqui motivos que atraíam estrangeiros? Temos alguma praia capaz, temos paisagens cheias de luz e de deslumbramento que valha a pena admirar, temos pedaços de costa onde se possa praticar esse vício simpático da pesca desportiva, temos parques de campismo que surpreendam os estrangeiros, temos um clima que apeleça fixação, temos?... Não, não temos nada! Perdão! Temos alguma coisa: uns figuinhos, umas amendoinhas, umas sardinhitas e uma fantástica capacidade de idealização... negativa, não falando no talento, que esse há-o e do melhor — de dezóito quilates.

NO PRÓXIMO MÊS SERÁ INAUGURADA a subestação eléctrica de Loulé com a presença de membros do Governo

ESTÁ prevista para o próximo mês a inauguração da subestação de Loulé da Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, considerando-se implicitamente inaugurada a rede eléctrica da mesma companhia no Algarve. Ao acto devem assistir os srs. ministro da Economia e subsecretário do Comércio e Indústria, autoridades distritais e o sr. dr. Corrêa Figueira, presidente do conselho de administração da citada companhia.

ASSIM É A MINHA ALDEIA

A ALDEIA é um pequeno mundo. Nela se agitam as vidas e decorrem os dias, cortados, de quando em quando, por uma novidade que corre célere de extremo a extremo, perpassando por todas as pessoas, desde as mais humildes às de maior posição social — que quase sempre não vai além de uma «burra» mais recheada —, para logo morrer, quando outra vem tomar-lhe o lugar. Novidades que quase sempre têm fundamento na vida por cada qual vivida na aldeia. Uma pequena coisa avulta aos olhos de toda a gente e ganha um significado diferente sempre que é discutida numa roda de cavaqueira. Às vezes a novidade conta-se à boca pequena e ganha foros de escândalo. Mas,

por JOSÉ DOS SANTOS MARQUES que seria da aldeia, perdida algures, se não fosse o «dize tu, direi eu» quotidiano?

Os homens apaixonam-se pelo

Conclui na 5.ª página

MINAS

Estão registadas no Algarve uma mina de antimónio, com a área de 112 hectares; uma de cobre, com a área de 50 hectares e outra de manganês também com a área de 50 hectares. Nenhuma delas porém está em lavra.

A saúde é a maior riqueza

AS AMÍGDALAS E A SAÚDE

As amígdalas não são órgãos de importância secundária. O facto de se inflamarem no decurso de várias moléstias mostra, claramente, que são elementos de defesa do organismo, verdadeiras sentinelas avançadas contra as infecções.

Procure o médico quando sentir, na garganta, secura, ardência, irritação, dor ou qualquer sinal de inflamação.



por CASIMIRO DE BRITO

Os Jograis de São Paulo em Faro

Depois do sucesso de Lisboa e do Porto, os Jograis de São Paulo desceram à província com a sua Arte de dizer poesia. Faro, desta vez, não foi esquecida. E, de todos os pontos do Algarve, desde Vila Real de Santo António a Portimão, vieram interessados por este agrupamento artístico, de tão apregoados cabedais.

E não há dúvida: Os Jograis de São Paulo, grupo constituído pelos artistas Armando Bógus, Maurício Barroso, Rúbens de Falco e Ruy Afonso (que é também o director e, ainda, poeta), trouxeram a certeza de que existe uma maneira inteligente e sóbria de dizer poesia, sem o antigo espalhafato dos declamadores de punhos salientes e gestos duvidosos. Os Jograis de São Paulo, artistas de bastante mérito, são o que de melhor temos visto no género — exceptuando, talvez, esse incomparável Villaret, que, regressado das Américas, deu há pouco tempo, em Lisboa, alguns magníficos recitais. Foi pois com prazer que recebemos a notícia dos Jograis, que os aplaudimos, que nos lembrámos deles.

Todavia o recital não agradou inteiramente. Mas isso seria impossível, podia alguém acrescentar! Sim, o recital não agradou inteiramente. Foi nitidamente preparado para um público não-preparado. E esse não foi, decerto, o caso — o público de Faro é exigente. Temos um escol de pessoas que não se contentam com mediocridade — embora a admitam, em pequenas medidas, quando o público é vário, como foi o caso. Simplesmente, o nível do programa apresentado pelos Jograis, foi mais medíocre do que bom. Programa para provincianos, programa sem a consciência de que na província também há pessoas extremamente cultas, doutores que se interessam mais pela Poesia ou pela Música do que pelo futebol, poetas de valor. Enfim, continua o princípio. E é caso para dizer, irónicamente: caramba que, até lá-de-fora, nos trazem gato por lebre.

O que não quer dizer, este paleio todo, que não houve muita gente que gostou do programa... Mas, analisemo-lo, apressadamente:

A primeira parte começou com um *Episódio de Inês de Castro*, de Camões. Trecho difícil, dicção sóbria, em coro cerrado, como está no espírito da epopeia. Depois uma *Regra para viver em paz*, de João Manuel (Cancioneiro de Garcia Resende) também de interesse, bem dita. E Castro Alves, e João de Deus, e Almada Negreiros, e Álvaro de Azevedo. No fim, um final extraordinário que só poderia resultar de um poema desse grande Manuel Bandeira, *Evocação do Recife*. A primeira parte foi, portanto, bastante boa. A melhor, indubitavelmente.

Na segunda parte, dedicada quase só à poesia brasileira, especulou-se bastante com aquela faceta de poesia moderna que, sendo como é muito meritória — não é tudo. Deu-se um lugar a José Régio, numa recitação de Armando Bógus de *O cántico negro*. É um poema difícil de dizer, profundo, para ser profundamente sentido. Bógus não o disse bem, embora, diga-se logo, seja dos que o dizem melhor, entre os muitos que o têm dito. Nesta segunda parte, especulativa (menos porém que a terceira) teve o lugar de honra o óptimo poema de Ascenso Ferreira, *Trem de Alagoas*.

Na terceira parte foi evidente o intuito de dispor bem os espectadores. Puro engano. Os espectadores que já estavam demasiado bem dispostos preferiam agora mais profundidade, um Pessoa mais profundo (a *Ode Triunfal*, por exemplo), um Torga ou um Antero, um António Nobre ou mesmo um Olavo Bilac. Mas não: houve uma *Lisboa* de António Botto e outras coisas sem profundidade, terminando o recital com dois poemas (???) de Ruy Afonso: um *contraponto paulistano* mais barulho do que poesia (toda-avia com valor) e um vendaval de pernas gordas e pernas magras — para que tudo acabasse à gargalhada farta e larga. O que num recital de poesia não é lá muito, muito aceitável...

E tudo isto não é má-vontade, não. Os Jograis de São Paulo são uns excelentes declamadores. O diabo é que souberam que nós somos provincianos, não façam a menor ideia aonde. E acabamos por ser mesmo provincianos, com esta e outras que venham aparecendo... Em qualquer dos casos, e fique aqui bem gravado, foi um espectáculo que eu reveria mesmo assim: é que, apesar de tudo, tratou-se de um fruto proibido...

Manuel da Silva Domingues

Agente das Tintas

«EXCELSIOR»

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Regressou de Aveiro, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. Artur Bento Domingues.

Com pouca demora, esteve em Vila Real de Santo António, o nosso amigo sr. Manuel Pinhol, residente em Lisboa.

Vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. Eurico dos Reis Barros, nosso assinante em Beja.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa redacção, o sr. Alvaro Duarte Gomes, correspondente do Jornal do Algarve em Algos.

Esteve alguns dias em Lisboa, de onde já regressou, o sr. Manuel Monchique Ribeiro Alves, inspector no Sotavento do Algarve, da firma nossa anunciante, Bardahl Portuguesa.

Regressou de Lisboa o nosso assinante sr. João da Silva Nascimento, industrial de salgas nesta vila.

Depois de ter passado uma temporada em Vila Nova de Cacela, regressou à sua casa de Lisboa, acompanhado de sua esposa e filhas, o nosso assinante sr. regente-agrônomo Manuel Luis de Castro.

Encontra-se viajando pela França, Bélgica, Holanda, Alemanha e Suíça, de visita aos seus clientes, o sr. dr. José Cabrita Matias, nosso assinante em Lisboa.

Vimos nesta vila o sr. Manuel Pedro Boneca, nosso assinante em Portimão.

Encontra-se em S. Marcos da Serra, acompanhado de sua esposa, o sr. José Santinho Vargas, sócio da firma nossa assinante Mário S. Vargas & C.ª, Lda.

Esteve em Vila Real de Santo António o sr. eng. João Eusebio Damasceno Botelho.

Seguiu para Aveiro, onde continuará os seus estudos liceais, a menina Ermelinda Guerreiro Ritta Fernandes.

Estiveram em Lisboa os nossos assinantes srs. Renato Rodrigues e José Bernardino Bartolomeu.

Encontra-se no Barreiro o sr. José Germano Caldeira, nosso assinante em Altura.

Gente nova

Em Vila Real de Santo António, deu à luz uma menina, a sr.ª D. Ilda Dias Belião, esposa do nosso assinante sr. Jaime dos Mártires Belião.

Num dos quartos particulares do hospital de Faro, deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Salomé Soares Gago Horta, esposa do sr. José Mateus Horta, conceituado comerciante naquela cidade. As nossas felicitações.

Casamento

Realizou-se no dia 15, na igreja paroquial de Alcantarilha, o casamento da gentil menina Maria Margarida de Sousa Pedrosa, filha do sr. alferes Pedro Xavier Pedrosa e de sua esposa sr.ª D. Maria Lúcia Casimiro e Sousa Pedrosa, com o sr. António Palmeira Martins Graça. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, sua tia sr.ª D. Dulce Maria José Casimiro e Sousa e o nosso amigo sr. Hermenegildo Neves Franco, e por parte do noivo, sua irmã sr.ª D. Rosa Palmira Martins Graça Caiado e seu esposo sr. João Dias Caiado. Seguiu-se ao acto, um abundante copo-de-água, após o qual os noivos partiram para Lisboa, onde vão fixar residência.

Doentes

Na Associação de Socorros Mútuos dos Empregados do Comércio e Indústria, em Lisboa, foi submetido a uma operação cirúrgica, que felizmente decorreu com êxito, o sr. José Ferreira, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

Tem passado incomodado de saúde o nosso prezado amigo e colaborador sr. dr. José Formosinho, conservador do Museu Regional de Lagos.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carrilho, Prça. Marques de Pombal, telef. 49.

S. MARCOS DA SERRA

Jantar de homenagem — No dia 18 efectuou-se um jantar de homenagem ao sr. dr. António Bernardino Ramos, médico municipal nesta localidade. Uma Comissão aproveitou a oportunidade para fazer entrega ao homenageado de uma importância reunida por habitantes desta freguesia para a compra dum aparelho de radioscopia.

Estação Regional dos C. T. T. — Tendo sido criada esta Estação lamentamos que até à data ainda não fosse instalada, pois sabemos que há quem ceda o edifício e nele esteja disposto a fazer as alterações necessárias.

Lembramos ao mesmo tempo a necessidade de os serviços telefónicos serem utilizados até às 24 horas, pois não se compreende que estejamos ligados a uma rede que funciona durante toda a noite e nós não sejamos beneficiados, pelo menos até às horas apontadas. — C.

ECONOMIA

EXPORTAÇÃO DE CONSERVAS

SAÍRAM, de Janeiro a Novembro do ano findo, 46.797 toneladas de conservas, no valor de 813.495 contos. Vejamos quais foram os maiores compradores: de atum e similares: Itália, 1.924 toneladas, no valor de 43.512 contos; Venezuela, 212 ton. e 4.972 c. e Bélgica-Luxemburgo, 103 ton. e 2.415 c.; de sardinhas em azeite ou molhos: Alemanha, 6.584 toneladas, no valor de 113.162 contos; Reino Unido, 5.605 ton. e 30.771 c.; E. U. da América, 2.298 ton. e 52.418 c.; Itália, 2.213 ton. e 36.541 c.; França, 1.946 ton. e 33.835 c.; Bélgica-Luxemburgo, 1.550 ton. e 26.508 c.; África Ocidental Britânica, 1.233 ton. e 21.206 c.; Filipinas, 1.276 ton. e 20.661 c.; Suíça, 853 ton. e 14.399 c. e Ghana, 706 ton. e 11.205 c.; de anchovas: E. U. da América, 1.914 toneladas, no valor de 52.326 contos; Suíça, 184 ton. e 5.140 c.; França, 195 ton. e 5.016 c.; Reino Unido, 158 ton. e 4.461 c.; Itália, 157 ton. e 4.262 c.; Canadá, 119 ton. e 3.289 c.; Austrália, 74 ton. e 2.041 c.; Venezuela, 60 ton. e 1.658 c. e Alemanha, 58 ton. e 1.632 c.

Vila Real de Santo António

segundo porto de pesca costeira do País

Temos presente os números oficiais referentes à pesca no Algarve em 1956. Ei-los:

	Tonel.	Valores em cont.
Vila R. S. António	10.313	59.331
Portimão	10.471	38.004
Olhão	8.778	22.808
Lagos	4.042	15.461
Tavira	1.564	9.595
Quarteira	1.840	8.479
Fuseta	1.254	7.978
Albufeira	577	3.775
Faro	713	2.986

Os peixes que maior rendimento deram a Vila Real de Santo António foram, o biqueirão, 30.512 contos e a sardinha, 14.469 contos.

Os portos de pesca costeira mais rendosos do País são portanto:

	Tonel.	Valores em cont.
Matosinhos	69.836	220.346
Vila R. S. Antón.	10.313	59.331
Peniche	19.086	56.790
Setúbal	15.456	48.610

No rendimento de Matosinhos excluiu-se o bacalhau que nada tem que ver com a pesca costeira.

E depois da leitura destes números os nossos leitores (os de fora da localidade) ficarão boquiabertos quando lhes dissermos que o segundo porto de pesca costeira de Portugal não tem uma casa de pescadores, não tem um bairro piscatório, não tem...

Uma boa notícia Na reunião de peritos internacionais da Comissão de Cevadas da «European Brewery Convention», realizada em Estocolmo, as amostras de cevadas portuguesas, das variedades *Beka* e *Aurora*, cultivadas no Ribatejo e Algarve, foram unanimemente consideradas como as melhores, tendo-lhes sido atribuída a pontuação máxima quanto

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas às 11 e às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - FARO
Telefone 475

ALGOZ

Jantar de homenagem — Devido à sua partida para o Canadá, onde, em Montreal, volta à actividade industrial, o nosso prezado amigo sr. José Gonçalves Nobre foi homenageado pelos seus numerosos amigos com um jantar que, apesar de íntimo, reuniu à sua volta duas centenas de pessoas.

Primorosamente servido na casa «Faz-me isso António» decorreu aquele com brilho e muitos foram os que se referiram às qualidades do homenageado, que, sem alardes, mas sempre trabalhando e seguindo uma impecável e honesta conduta, tem marcado posição de relevo.

Justo será destacar os primorosos discursos proferidos pelos nossos amigos srs. Fernando Inácio Martins, João Diogo Marreiros Leite e José Cândido Pires, todos eles enaltecendo o exemplo de força de vontade dado pelo homenageado. Vivamente comovido, o sr. José Gonçalves Nobre agradeceu tão inesquecível prova de amizade, que era para ele mais um motivo para, lá longe, continuar lutando como até aqui.

Vida associativa — Sabemos, e isto registamos com grande prazer, que em reunião ultimamente realizada, foi pela direcção do Sport Lisboa e Algos encarada a possibilidade de se organizarem este ano os festejos populares de Santo António, S. João e S. Pedro. Apesar de a realização estar ainda longe, felicitamo-los vivamente pois a nossa mocidade, que é muita, e tem espírito de trabalho e compenetração, mais uma vez mostrará do que é capaz e os festejos serão coisa inédita em seu programa.

Não faltarão louvores a esta simpática rapaziada, que de novo volta a colocar a sua terra em bom plano. — C.

Funcionalismo público

Nomeações

Foram nomeados: aspirante estagiário e colocado na secção de Finanças do concelho de Castro Marim, o sr. Fernando de Alegria Vivas; fiscal de obras da Câmara Municipal do concelho de Portimão, o sr. Damásio Alexandre de Luz e, a título provisório, carteiro provincial, para prestar serviço na estação dos C. T. T. de Albufeira, o sr. Inácio Martins Silvestre.

Promoções

Precedendo concurso, foram promovidos à 1.ª e 2.ª classes e colocados, respectivamente, nas secções de Finanças dos concelhos de Faro e Loulé, os secretários de finanças de 2.ª sr. Artur Ferreira Pontes Xavier e de 3.ª sr. Carlos Alberto Marques.

Transferências

Foram transferidos, a seu pedido: secretário de finanças de 1.ª classe, sr. Esteves de Anunciada Cebola, da secção de Finanças do concelho de Faro para a do concelho de Santarém; secretários de finanças de 2.ª classe srs. António Eleutério Antunes Costa, Manuel de Sousa Peralta e Rodrigo Moreira de Magalhães Perdigão, das secções de Finanças dos concelhos de Loulé, Tavira e Portimão, para as dos concelhos de Tavira, Portimão e Tomar, respectivamente, e aspirante de finanças sr. José Manuel de Oliveira Filhó, da secção de Finanças do concelho de Castro Marim para a do concelho de Loulé.

Concursos

Foram classificadas no concurso para provimento de lugares de terceiro-oficial dos C. T. T., as operadores sr.ªs D. Dinora Maria das Dolores Silva Henriques e D. Maria Júlia dos Santos Almeida Felgueiras. Ambas prestam serviço na estação de Vila Real de Santo António.

Está a concurso o lugar vago de escriturário de 2.ª classe do quadro privativo da Câmara Municipal de Faro.

Automóvel Peugeot

Vende-se, de 4 cilindros, com 4 portas, consumindo 9 litros aos 100 quilómetros e bem calçado. Util para comércio. Trata Joaquim Coelho, Rua Jacinto José de Andrade, 86 — Vila Real de Santo António.

Sociedade Sam Domingos, L.ª

proprietária da Traineira «TRIUNFANTE»

Vendese quota

Informa-se nesta Redacção.

SR. LAVRADOR:

FAÇA CONTAS, NÃO DESPERDICE DINHEIRO

ADUBAÇÕES AZOTADAS DE COBERTURA

ECONÓMICAS E EFICAZES

Conseguem-se utilizando

NITRO-AMONIACAL C. U. F.

com 20,5% de azoto

ou

Nitro-amoniaco concentrado C. U. F.

com 26,5% de azoto

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Depósitos e revendedores em todo o país

Para qualquer esclarecimento dirija-se aos

SERVÍCIOS AGRONÓMICOS DA COMPANHIA UNIÃO FABRIL



BASQUETEBOLO

Campeonato Distrital — 7.^a jornada

S. L. Faro, 30 — S. C. Fareense, 57
(ao intervalo 29-11)

SLF: Pinto (10), Rocha (9), Fontainhas -Carvalho (6), Jorge (3), Alexandre-Cavaco (2).

SCF: Gago (22), Caronho (8), Afonso (3), Estevinha (2), Mónica (4), Madeira-Eurico (2), Vinhas (16).

Árbitro: M. Adanjo Inácio. Marcador: Francisco Assunção. Cronometrista: Francisco Bastardinho.

Lusitano F. C., 26
C. D. «Os Olhanenses», 38
(ao intervalo 13-24)

LFC: Carro (2), Gavino (3), Andrade (4), Branco (12), Albano-Belião-Pinheiro (3), Leal (2).

CDO: Serro (4), Canha-Relvas (2), A. Madeira (2), Ramos-Luis do O' (28), L. Branco (2).

Árbitro: Gilberto M. Ferreira. Marcador: Joaquim Gomes Néné. Cronometrista: Eduardo Pires.

G. C. Olhanense, 31
C. F. «Os Bonjoanenses», 58
(ao intervalo 11-27)

GCO: Pinto (23), Lázaro (2), Gonçalves (4), Frazão-Franco (2).

CFB: Jesuino (21), Ferreira (16), Adeliño (8), Cunha (2), Bernardino (11).

Árbitro: Mário José Marcelino. Marcador: Joaquim Jacinto dos Santos. Cronometrista: José J. O'Brien Oliveira.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
«Os Olhan.»	6	6	0	0	278-153	18
Fareense . .	6	5	0	1	302-201	16
«Os Bonj.»	6	3	0	3	261-260	12
S. C. O. . .	5	3	0	2	175-203	11
S. L. e Faro	5	2	0	3	177-264	9
Lusitano . .	6	0	1	5	183-229	7
G. C. O. . .	6	0	1	5	148-254	6

O Ginásio C. Olhanense tem uma falta de comparência.

-VELA-



Grupo Naval de Olhão

Terra de grandes tradições náuticas e de velejadores eméritos e heróis, tais como o patrão Joaquim Lopes, ou como mestre Manuel Martins Garrocho e piloto Manuel de Oliveira Nobre que, com Joaquim e Domingos do O', António Charrão e outros pescadores olhanenses, não tiveram medo de atravessar o Atlântico no pequeno caíque «Senhora do Rosário» para levarem ao Brasil, a D. João VI, a boa nova da expulsão dos franceses, Olhão acorda do sono letárgico em que permanecia há alguns anos e quer voltar às actividades dos desportos náuticos.

Para esse fim, um grupo de olhanenses reuniu no antigo Grupo Naval de Olhão e dispôs-se a fazê-lo despertar para que as tradições «vélicas» olhanenses se não percam e para que Olhão volte a ocupar nestes desportos o lugar que por direito lhe pertence. Como corpos gerentes do Grupo Naval de Olhão, foram já eleitos os seguintes srs.:

Assembleia Geral — dr. Manuel de Sousa Guita Júnior, João Graça Sancho e António Cândido Cruz Lopes.

Direcção — dr. Nuno Álvares Viagas Matamoiros, José Augusto Ladislau Calapez, Américo Rodrigues Afonso, Manuel Luciano Pitê, Martiniano Leal, Jaime Rosa Gomes e José Silveira Lã.

Comissão Revisora de Contas — João António Pacheco, Joaquim Mendonça Ramires e Francisco do Nascimento Pina.

Segundo nos informam, é desejo da nova direcção filiar o Grupo Naval, já com estatutos aprovados há largos anos pela D. G. D., na Federação Portuguesa de Vela, realizar ainda este ano algumas regatas e estudar as possibilidades de aquisição de alguns modernos barcos de regata, além do estudo do

O jogo S. L. Faro-S. C. Olhanense tem que ser repetido por ter sido julgado procedente o protesto apresentado pelo S. L. e Faro.

O jogo repetição realiza-se amanhã em Olhão, no Campo Abílio Gouveia.

A segunda volta do Campeonato inicia-se no domingo, 2 de Fevereiro.

SELECÇÃO DA SEMANA

Abade (Daniel)					
Alfredo	Ventura II	Luz			
	Reina	Bento			
Costa	Parra	Ângelo	J. António	Silvio	

ALGARVE-LISBOA (em números)

ALGARVE	60	38	6	16	150-067	82 pontos
Lisboa	60	23	13	24	115-102	59 pontos

Glória Futebol Clube

Em Assembleia Geral Ordinária realizada no dia 21, no Glória Futebol Clube, foram eleitos os seguintes corpos gerentes para 1958: **Assembleia Geral** — César Machado Pinto Pontes, José Manuel Pereira, Ezequiel Fernandes e Manuel Baptista.

Direcção — António Amâncio Sacramento Machado, Francisco Chumbinho Campina, José Leal Socorro, José Fernandes Viegas, Arménio Rodrigues Gonçalves, José Augusto da Silva e Vítor Pereira Ruas. **Suplentes** — João Ilídio Setúbal, Rafael Guerra, João António Alexandre, António Vasques Belo, Manuel Socorro Tenório, Joaquim Ribeiro e Fortunato José Godinho.

Conselho Fiscal — Manuel Cipriano, Manuel Francisco Ribeiro Alves e Francisco de Sousa Cardoso. **Suplentes** — Manuel Peres Tenório e Avelino Luis Fernandes.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

ACTUALIDADES



DESPORTIVAS

F U T E B O L

Campeonato Nacional (II Divisão)

O ALGARVE VOLTOU A OCUPAR os três lugares cimeiros da classificação

Olhanense, 2 — Montijo, 0
Marcadores: Ângelo e Silvío

O Olhanense não fez o seu melhor jogo, nem poderia tê-lo feito. Perante uma equipa dura «de berço», entusiástica por tradição e aguerrida por convicção, o seu futebol subtil acusou o choque e procurou fugir (é o termo), ao desgaste que o bloco «verde-ouro» tentou produzir, especialmente nos avançados rubro-negros.

Deste modo, o grupo algarvio foi cauteloso, fundamentando, até no aspecto da inteligência, o seu triunfo sobre um grupo em força, «cego» à ideia de futebol.

A equipa da casa mostrou-se mais eficiente no seu «associaton», e po-

dia ter expressado marca mais robusta, sobre o adversário, se Silvío, Ângelo e Parra não partem de ânimo leve para os golos feitos.

O «Montijo» deixou-nos a impressão dum «team» demasiado jovem, que não resistiu à «fórmula» 7-9 imposta, e acabou por claudicar, vítima da toada que escolheu. Sobre-tudo a defesa, batendo mal a bola (horripelmente mal), foi um autêntico «tampão de choque», em que predominou a ameaça física, a que os olhanenses se furtaram com sentido de desmarcação e bola rasa, quase cerebrais.

Salientemos de entre os vencedores: Reina, utilíssimo; Costa, esplêndido condutor de jogo; Alfredo, um neutralizador rijo do ataque ribatejano; Bento, em excelente actualiação, e Abade, seguríssimo, a par de Poeira e Silvío.

Estoril, 1 — Fareense, 1

Marcador: Balela

Entrámos no derradeiro trecho da prova, e isto, parecendo que não, faz renascer todo o poder nas equipas mais fracas, agigantando-as ao ponto de complicar, em muito, a missão dos adversários mais desafogados na classificação.

A parte este pormenor é de salientar ainda a carreira do Estoril como equipa que jogando agradável-mente um «associaton» de bom recorte, não tem encontrado nos números da tabela qualificativa estímulo para o mérito do seu conjunto. Tudo isto complicou ao Fareense a sua saída, tanto mais que os «Leões» de Faro não apresentaram no domingo alguns titulares, impossibilitados de alinhar.

A falta de coligação no ataque tirou ao seu quinteto sentido prático, não lhe permitindo mais que um golo, que o Estoril anulou por grande penalidade no derradeiro minuto da contenda.

Portimonense, 1 — Juventude, 0

Marcador: Romão

O futebol jogado com o pensamento, na necessidade de se vencer por números essenciais, é assim. Para mais, um golo-relâmpago precipitou os acontecimentos no primeiro minuto. Futebol assim, deixa de ser futebol-campeonato para ser futebol-taça.

Qualquer das equipas viveu a hora e meia pressa ao pensamento de dois golos que era preciso marcar e se tornava imperioso não consentir.

Estas duas vontades férreas estiveram em luta numa hora e meia em que a vontade safu do campo e deixou as equipas entregues a si próprias. Daí a má exibição — o «drama» de alentejanos e algarvios,

Campeonato Distrital de Juniores (2.^a fase)

Resultados de domingo:

Silves F. C., 1 — S. C. Fareense, 2
S. C. Olhanense, 4 — C. F. Esper., 1

Jogos para amanhã

S. C. Fareense - C. F. Esperança
Silves F. C. - S. C. Olhanense

Jogos para amanhã

ATLÉTICO (22 p.)-PORTIM. (25 p.)

Os barlaventinos têm na Tapadinha o seu último ensaio de responsabilidade com vista às contingências do «ser ou não ser» 3.º classificado, frente a um Atlético, que ainda não pôs de parte a ideia de se guindar a esse mesmo lugar que os algarvios ocupam.

A equipa portimonense é ousada e estará em Alcântara no seu todo de vontade e crença, mas o relvado da Tapadinha pode vir a ser o «pão verde», onde a sua «fortuna» de 5.º classificado se perderá mais uma vez.

Todavia, a dificuldade não fará descer em absoluto de a equipa rectificar o deslize do Estádio Portimonense, que foi de 2-5.

BEJA (22 p.) - OLHANENSE (28 p.)

O Olhanense, agora mais escorado no pormenor de uma defesa sólida e aguerrida, deve discutir os 90 minutos do Estádio Municipal, golo a golo, prevendo-se partida de bom recorte técnico.

O terreno amplo e o grupo alentejano em réplica aos 0-5 do Estádio Padinha, devem proporcionar aos rapazes de Olhão um futebol largo, suave e bem jogado.

Por estas razões que fundamentamos, a partida será coroada por números nada mesmo desprestigiantes para o «sub-leader».

FARENSE (28 p.)-PORTAL. (13 p.)

Triunfo do Fareense sem reservas de qualquer espécie e apenas com a interrogação dos números, que estarão na razão da rapidez com que o «leader» souber evolucionar, destruindo a «muralha» azul.

O Portalegrense virá reeditar as suas exhibições de amortecimento com que nos brindou em Olhão e Portimão procurando «adormecer» a toada, mas o Fareense, equipa de passada larga, não deixará que o intento dos «azuis» subsista.

31 pontos ao fim e ao cabo dos 90 minutos, apenas com o indecifrável na parte respeitante ao volume de golos.

António A Santos

- BARDAHL -

ANTOLOGIA POÉTICA

coordenada por C. B.

7) WALT WHITMAN

Cantor dionísaco, Walt Whitman é um dos maiores poetas americanos de sempre, o maior talvez. É o poeta da harmonia entre os homens, da democracia, o poeta do amor e da paz. Nasceu em 1819 em Long Island e morreu em 1892. Publicou o seu único livro em 1855, Leaves of Grass (Folhas de Erva).

A sua poesia renovou tudo o que até então se fazia no género poético, formal e ideologicamente. Abandonou o ritmo e a rima, liberalizou a poesia alargando-a a mais abertos âmbitos. A sua poesia é um libelo contra o racismo, contra a escravatura, contra o anti-semitismo. Grande poeta, Walt Whitman dizia que o seu fim era libertar o espírito da América, ainda em formação, das inibições, superstições e ainda de todas as autoridades obstinadas, asfixiantes anti-democráticas do passado asiático e europeu.

O seu mais importante poema, Song of myself (Canto de Mim Mesmo) é de uma beleza, de uma mensagem, inultrapassável. Dele apresento, em tradução minha, uma das mais belas partes:

A ÚLTIMA INVOCAÇÃO

Por fim, ternamente,
Longo das muralhas da poderosa fortaleza,
Longo do abraço das fechaduras cerradas, longo da
custódia das portas perfeitamente fechadas,
Deixem-me flutuar.
Deixem-me desliar silenciosamente;
Abre as fechaduras com a chave da ternura—com um murmúrio,
Abre as portas Ó alma.
Ternamente — não estejas impaciente,
(O teu poder é grande Ó carne mortal,
O teu poder é grande Ó amor).

Cine-Foz

DOMINGO — O melhor filme de Eddie Constantine, *Vai haver sarilho*. (Para 17 anos).

TERÇA-FEIRA — Em écran panorâmico, *S. O. S. Metalana*. (Para 12 anos).

QUINTA-FEIRA — Em cine-macscópio, *O homem que nunca existiu*. (Para 12 anos).

Campeonato Nacional da III Divisão

UNIDOS E SILVES

começaram a prova «com o pé direito»

Lusitano, 2 — Silves, 3

O Lusitano, que se apresentou a jogar com um quinteto avançado mais ou menos ligado e mais vivo que o usual, desenhou no terreno, durante a primeira parte, esquemas de aceitável padrão técnico, enleando com facilidade aparente a estática defesa do Silves. Pecaram na concretização, pois o 1-0 que se registava ao intervalo, está longe de corresponder às ocasiões de que desfrutaram.

Depois do intervalo, perante a moleza dos encarnados, os silvenses — que desde o primeiro minuto de jogo se mostraram perigosos — começaram a crescer, fazendo alarde dos seus recursos de equipa estruturada. Com o veterano J. Maria como fulcro, os ataques partiam rápidos, variados, demolindo uma defesa que deixava muito a desejar, tanto em colocação como em recu-

Assistimos impávidos a uma estranha e inédita atitude do n.º 3 do Desportivo, que abandonou o rectângulo de seu livre arbitrio, quando o resultado ainda poderia ter outro desfecho. Este atleta (???) mediu porventura a gravidade do seu acto? Que falta de envergadura moral, senso e respeito pelo público e, principalmente, pela camisola que envergava! Além disso, descuroou a consideração e espírito de sacrifício que os elementos de uma equipa devem cultivar entre si.

Arbitragem regular, embora, com pequenas faltas que não influíram, porém, no resultado final. — C.

Despertar, 0 — Unidos, 2

Encontro emotivo. O Unidos dominando territorialmente, conquistou uma vitória justa. À forte pressão dos visitantes, o Despertar respondeu com uma defesa viril mas



Silves F. C., 2.º representante algarvio ao Nacional da III Divisão

peração. Depois, a incapacidade física de Antunes — tocado numa perna — e a tarde infeliz de Abraão, alicerçaram o resto.

O Silves conta actualmente com uma equipa que vai, certamente, «fazer miséria» (como diriam os nossos irmãos brasileiros) neste Nacional. O Lusitano, embora só se mostrando nos primeiros 45 minutos iniciais, deixou antever uma equipa que há-de responder por si. Elementos não lhe faltam, o que é preciso é Cassiano engrená-los.

J. Maria, Helder, Hernâni e Baía, cotaram-se, nos vencedores, com boa média. Nos vencidos, Parra e Campos.

O sr. Nunes, em trabalho regular, merece aplausos pela prontidão com que expulsou Lourenço, do Silves, quando da agressão a Daniel. Atletas que não sabem respeitar a integridade física dos antagonistas, não são dignos de tal título nem da camisola que envergam.

Desportivo, 2 — S. Domingos, 3

O Desportivo, numa tarde sombria, foi subjugado pela fogueira dos visitantes, apesar do jogo destes não alardear pormenores de técnica muito elevada. No entanto conquistaram com todo o mérito dois preciosos pontos, sabendo explorar a fraqueza do reduzido defensivo local.

imponente perante os factos. Arbitragem regular. — C.

Ajustrelense, 1 — Moura, 1

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	J	V	E	D	B	P
UNIDOS . .	1	1	0	0	2-0	2
SILVES . .	1	1	0	0	3-2	2
S. Domingos.	1	1	0	0	3-2	2
Moura . . .	1	0	1	0	1-1	1
Ajustrelense.	1	0	1	0	1-1	1
LUSITANO .	1	0	0	1	2-3	0
DESSPORT.	1	0	0	1	2-3	0
Despertar .	1	0	0	1	0-2	0

Jogos para amanhã

SILVES-DESPORTIVO
Moura-LUSITANO
S. Domingos-Despertar
UNIDOS-Ajustrelense

Bailes de Carnaval

Têm início amanhã, nos salões de festas do Glória F. C. e do Lusitano F. C., os tradicionais bailes carnavalescos. Em ambos os clubes actuam excelentes orquestras de Vila Real de Santo António.

Pára-raios

Não comprem sem consultar os meus preços, que são sem competência

Faço instalações desde há trinta anos, com pessoal habilitado, empregando o melhor material que até hoje se fabrica.

Orçamentos grátis para qualquer parte do País e tenho aparelhagem moderna para visitar os mesmos, depois de instalados

Dirigir a

HELIODORO VALENTE
OURIQUE

Telefone 21

O ALGARVE NA OBRA de Teixeira Gomes

Publicações

Continuação da 1.ª página

gem que empregam; e frisa: «Pode-se ser grande escritor e conhecer medianamente a língua na sua parte mais castiça, e à imitação do povo transformá-la, ampliando por intuição poética a significação de certos vocábulos, e traduzindo outros com tal oportunidade que os torne indispensáveis».

No estilo — diz ele — tudo está em saber usar da arte sentida mas que seja desartificiosa.

E continua: «O emprego dos termos, a sua escolha e ampliação de sentido em passagens que essa espécie de desvirtuação mais valoriza, colorindo ou acentuando-lhe o desenho; o ritmo da prosa e sua cadência, que a deixam em ponto de se não confundir com o verso, mas com ele rivalizando em suavidade e elegância; a ilustração de vocábulos caídos em desuso, e que ressuscitam em momentos de feliz inspiração, para traduzir sentimentos modernos; todos esses pequenos segredos se não aprendem se ao escritor faltar a predisposição nata, isto é, o dom artístico. Sem ele, o escritor pode compulsar noite e dia os melhores modelos; trabalhar incessantemente nos modos mais diversos de compor; tomar notas em flagrante e desenvolver-las em profundas meditações; produzir; produzir sempre, como no exercício de um ofício mecânico, ou no cumprimento de uma obrigação moral. Tudo lhe será inútil sem aquele dom e sejam quais forem os seus esforços, a essência da língua, a flor da sua poesia, ser-lhe-á defesa e permanecerá para ele, sempre, como um livro de sete selos».

Quando se vê em apuros para encontrar o termo ideal, o prosador vulgar usa socorrer-se da sinonímia e limita-se a escolher. Teixeira Gomes, se precisa de uma palavra e não a encontra, em vez de recorrer à expressão sinónima, processo fácil, cómodo e vulgar, prefere uma solução pessoal. Põe imediatamente em actividade o laboratório complexo da sua processologia linguística: uma vez «amplia» e «chega a torcer» a significação das palavras «por intuição poética»; outras, cria os vocábulos necessários, «com tal oportunidade» que eles, depois, se lhe tornam «indispensáveis».

Quanto à propriedade vocabular — salienta Tavares Rodrigues — não encontramos uma palavra de Teixeira Gomes em que não ressaltasse o emprego do epíteto justo.

Na opinião do autor dos «Regressos», quem escreve deve «dispor de uma sintaxe tão maleável e coleante, que sirva, sem o mínimo esforço aparente, à expressão perfeita dos tons mais subtis e iriados do pensamento».

Uma das qualidades mais surpreendentemente agradáveis de contemplar na sua obra, é a miraculosa capacidade evidente para

construir imagens, para tornar as palavras dúcies ou maleáveis, e para as distribuir ornamentadas ou sem ornamento, com muita ou pouca vida, animadas e movimentadas como se fossem pedras de xadrez.

Teixeira Gomes manuseia os termos um a um e aproxima-os ou afasta-os na frase, conforme os efeitos que pretende obter, graças à poderosa intuição que possui para os distribuir.

Não simpatiza com «a estragante pregaria dos adjetivos», segundo escreve a propósito de Chateaubriand; afasta cautelosamente os que julga «impróprios»; e os que emprega, emprega-os com inteiro sentido de oportunidade e comedido.

Vejamus um passo em que se prova a sua ansia de encontrar o adjectivo próprio: «Dessa criatura intensamente feia, mas de olhos claros e sorridentes, cuja expressão acompanha a incessante mobilidade das feições grosseiras; dessa mulher de uma fealdade atrevida, desprende-se um inexplicável encanto, que sómente o adjectivo paradoxal, talvez, caracterizasse precisamente».

Para Teixeira Gomes, uma frase deve ter a estrutura de uma planta: raiz, caule, folhas, flores e frutos. O conceito, a cor e o ritmo devem brotar por si do valor musical das palavras. A imagem, considera-a ele não um «auxílio grosseiro» para exprimir a ideia, mas um fenómeno natural que corresponde, na linguagem, ao que são nas plantas as flores e os frutos.

Analisemos, para exemplificar, a seguinte frase: «Na liberdade daquela solidão tudo era gozo para os meus sentidos sempre despertos e ávidos (ideia matriz); o ar impregnado pelas exalações resinosas das estevas (imagem olfactiva); o pesado, quase palpável perfume das moitas de rosmaninho (imagem tátil); os gorgiejos que a passarinhada solta como isolados fios de pérolas cristalinas; o ruído, ou murmúrio de colmeia de que a vida dos insectos repassa o mato espesso (imagens acústicas); as borboletas ardendo na luz intensa, como pequenas chamas verdes que se perseguem, e caindo nas sombras com a opacidade das folhas de enxofre...» (imagem visual).

Tavares Rodrigues evidencia que Teixeira Gomes «é, por excelência, um criador de imagens»; que realiza as suas obras «para dar forma às imagens que lhe enchem o espírito».

«Vive das imagens como um metafísico vive das ideias» — observa Castelo Branco Chaves.

Joga com elas — confessa — como um filósofo joga com as ideias abstractas.

Experimentemos o aroma de algumas flores e saboreemos o paladar de alguns frutos da árvore literária de Teixeira Gomes:

«A luz oblíqua trespassando a cidade envolvia-a numa onda de

Terras Portuguesas — Saiu o caderno número XII das «Terras Portuguesas», edição da Shell Portuguesa, o qual é dedicado ao Porto e arredores. A pequena monografia, artisticamente ilustrada, é da autoria do dr. Artur de Magalhães Bastos, o que equivale a dizer que se trata de um trabalho acabado. Focam-se nela o aspecto panorâmico, a história, os monumentos, os museus e a cidade moderna e ainda se indicam ao turista as excursões de maior proveito.

Apraz-nos louvar os serviços culturais da Shell que com a edição destas monografias tem prestado um ótimo serviço ao turismo e contribuído para que os portugueses melhor conheçam Portugal.

Boletim do G. D. da Sociedade Portuguesa de Seguros — Recebemos o último número desta publicação a qual se ocupa da vida do simpático clube desportivo e dos seus congéneres corporativos. Insere também boa colaboração literária e noticiário sobre seguros e ainda informação sobre a vida da Sociedade Portuguesa de Seguros. Bem apresentado graficamente, o Boletim é dirigido pelo sr. Henrique Manuel Valério da Silva, presidente do grupo desportivo.

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

fogo e parecia levantá-la para o céu, aguçando minarettes de cristal sobre colinas chamejantes, explodindo nas clarabóias em resplendores de cinabre, despejando cascatas de pedrarias em conchas de movente madreperla...»;

«As ondas rebentam na praia em quase toda a extensão da costa, paralelas, eriçando cabeleiras nevadas, e rolando em espumas de clara de ovo batida»;

«À noite, na ponte, com a lua cheia, o ar sereno, uma grande paz na água do rio, sossego no mar calado, e pequeninas névens, farrapos de cachemira branca, a deslizar brandamente no aveludado azul celeste escuríssimo...»;

«A estrada rastejou, em lanços monótonos, na campina lavrada, como um risco de giz na ardósia limpa»;

«Céu desmaiado, sem estrelas, com o luar a escorrer como um líquido sobre vidro»;

«Carne feita com pétalas de rosas maceradas no primeiro mel das colmeias; o resplendor astral dos cabelos roubado ao céu»;

«Olhos... como duas nozes de carvão vidrado».

Fácilmente se conclui que o culto da imagística é profundamente intuitivo em Teixeira Gomes, dada a frequência com que se manifesta na sua obra.

Quando alguém um dia compilar uma antologia de imagens da literatura portuguesa, Teixeira Gomes terá nela um lugar certo.

(continua) J. Mimoso Barreto

UMA CARTA DO SR. DR. FREDERICO RAMOS MENDES EM RESPOSTA AOS ESCLARECIMENTOS

do sr. presidente da Câmara Municipal de Portimão

no nosso último número, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director do Jornal do Algarve

No último número do seu conceituado jornal, o sr. presidente da Câmara Municipal de Portimão veio dar a público alguns esclarecimentos sobre o problema hoteleiro da Praia da Rocha.

Não perdeu o sr. presidente o ensejo nem de reclamar a actuação da sua Câmara, nem de me fazer algumas referências que não são positivamente, um modelo de elegância. Compreendo o reclamo. O sr. Vilarinho gosta, neste momento como em nenhum outro, de se ver enaltecido em letra redonda. Mas, a alusão directa que me faz nos seus esclarecimentos, compele-me a solicitar, sr. director, um canto do seu jornal para a publicação desta carta.

Ora, vamos aos factos. A Pensão Sol instalou-se numa vivenda que é minha, mercê da autorização do Secretariado Nacional de Turismo. E em boa hora o fez, pois que a Pensão é, hoje, um excelente estabelecimento.

A que vem a boa vontade da Câmara?

E' claro que a circunstância de se encontrar instalada numa moradia particular não tolheu nem entrou o seu desenvolvimento, como não obstar, por exemplo, ao do conhecido Hotel Bela Vista. E o facto só me dá satisfação, embora o desenvolvimento seja da Pensão e não meu, como o sr. Vilarinho, decerto por lapso, vai afirmando. Lapso, de resto, bem censurável em quem pretende esclarecer o público.

A verdade é que, em Março de 1956, solicitei autorização para obras de ampliação do edificio onde está instalada a «Sol». Só em Julho de 1957 — ano e meio, depois — é que a licença respectiva me foi concedida. Porquê? Entraves burocráticos? Obstinção dos técnicos? Desinteresse do corpo administrativo? Provavelmente, um pouco de tudo isto. Seja qual for a causa, a ver-

dade é que chega a ser desanimador fazer qualquer construção na magnífica praia. Ora, a Câmara só revelaria interesse pela industria hoteleira e pela construção que ela pressupõe, se activasse a concessão das licenças que, para tal efeito, lhe são solicitadas. Mas não o faz. E quando se lhe censura a apatia, justifica-se com os urbanistas, os funcionários, os regulamentos e outros entraves que ela deveria ser a primeira a remover.

Outro aspecto curioso, é o dos planos de urbanização respeitantes à Rocha. Ninguém ignora as vantagens e a necessidade dum plano de urbanização. Mas, santo Deus, quantos planos tem tido a infeliz Praia? Quantas alterações? Quer desviar-se uma rua, modifica-se o plano. Pretende entaipar-se a porta dum «amigo», faz-se nova alteração. E ninguém sabe onde pode construir. Um amigo meu apresentou na Câmara, em certa altura, um projecto para edificar uma moradia em determinado terreno. Foi a África; no regresso, ao pretender revalidar a licença, foi informado de que o terreno se destinava a uma rua.

A esta desorientação, tinha a Câmara o dever de pôr cobro. Tem-no feito? Que o digam os que ambicionam construir na Praia da Rocha.

E' claro que tudo isto não impede o sr. Vilarinho de informar que a Câmara pode ter cometido erros — e cometeu-os, na verdade — mas que se lhe não pode assacar o defeito de entravar o desenvolvimento hoteleiro, na Rocha.

O sr. Vilarinho não é feliz no entendimento das leis. Os tribunais têm tido oportunidade de reconhecê-lo, algumas vezes. Não admira, por isso, que não se aperceba da vantagem da alteração da Postura que transcreve, nos seus esclarecimentos.

Com os meus melhores cumprimentos.

Frederico Ramos Mendes

Sociedade de Representações Industriais "Sotalgarve", Lda.

Por escritura de 16 de Janeiro de 1958, lavrada nas notas do Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, foi constituída entre Rui Martins, Manuel Francisco d'Horta e José João Rodrigues Centeno, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

- 1.º A sociedade adopta a denominação de Sociedade de Representações Industriais «Sotalgarve», Lda., tem a sua sede nesta vila, onde será o seu estabelecimento comercial e a sua duração é por tempo indeterminado, com inicio na presente data, sendo os seus anos sociais, os civis.
- 2.º O seu objecto consiste na exploração do comércio de Representações de materiais destinados às indústrias de conservas e da pesca, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou industria, de livre exercício, ou para que tenha autorização, em que os sócios acordem.
- 3.º O capital social é de 15.000\$00, dividido em três quotas de 5.000\$00 cada uma, subscriptas, cada uma delas, por cada um dos três sócios, achando-se as respectivas entradas já efectuadas.
- § único — Não serão exigíveis prestações suplementares do capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições que forem acordadas.
- 4.º Todos os sócios são gerentes, sem caução nem retribuição.
- § 1.º — Para que a sociedade fique válidamente obrigada é necessário que os respectivos documentos sejam assinados, em nome da sociedade, por dois dos gerentes.
- § 2.º — Aos gerentes lhes é interdito assinarem, em nome da sociedade, em actos, documentos e mais responsabilidades alheias aos negó-

cios dela, sob pena de responderem por perdas e danos.

5.º A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade e dos restantes sócios, podendo realizar-se, apenas, no fim do ano social.

6.º A sociedade apenas se dissolve nos casos marcados na lei de 11 de Abril de 1901, dependendo, porém, a sua dissolução por accordo, da maioria dos votos do capital social.

7.º Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, sendo dispensada a autorização da sociedade para a divisão da quota do sócio falecido ou interdito, entre os seus herdeiros ou representantes.

8.º As assembleias gerais, fora dos casos em que a lei exija requisitos especiais, serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência de oito dias, indicando sempre o assunto a tratar.

9.º Serão dados balanços anuais e os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, e, na mesma proporção serão suportadas as perdas, havendo-as.

10.º Em tudo o omisso regularão as disposições legais aplicáveis.

Vila Real de Santo António, 25 de Janeiro de 1958.

O ajudante do Cartório,

Manuel Clemente

Não anunciar o que se deseja vender constitui um atraso. Anunciar mal é tão caro e tão castêlir como semear na praia ou na estepe.

A T U M
Sardinha, Anchovas, Cavala, etc.
nas acreditadas marcas de
PILOTOS & CAPA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

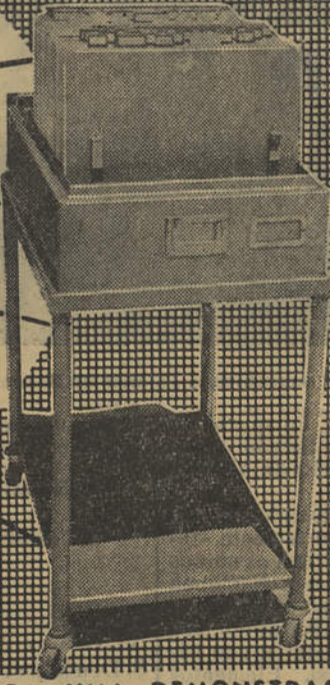
BASTA UM RÁPIDO EXAME

PARA CONHECER A SITUAÇÃO EXACTA DAS SUAS CONTAS



SIDEX

UM SISTEMA DE CONTABILIDADE EFICIENTE



SEM COMPROMISSO PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

AVENIDA GENERAL ROÇADAS, 74-C, F.^{TE} • TEL. 843965 • LISBOA

Sirvam-se V. Ex.^{as} colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens:

Em Vila Real de Santo António:

- Centro Comercial de Combustíveis, Lda.
- Ernesto Duarte
- Gráfica do Sul
- José António Ritta
- Pilotos & Capa
- Ramírez, Perez, Cumbreira & C.^a
- Raul Folque & Filhos, Lda.
- Soliva - Sociedade de Litografia e Vazio, Lda.
- Soc. Acc. Angelo Parodi Fu B.^{mco}
- V.^a Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.^a, Lda.

Em Olhão:

- José Pedro Ladeira, Lda.
- M. Rodrigues Pereira

Em Faro:

- Empresa do Sul de Produtos Químicos, Lda.

Além destas importantes firmas, contam-se por centenas de instalações as espalhadas por todo o País.

O PROBLEMA DO BIQUEIRÃO

APRECIADO PELOS INDUSTRIAIS DE FILETAGEM E DE SALGA

Conclusão da 1.ª página

certa norma na exportação das anchovas. Garantiu um preço e em troca desta garantia pedia outra garantia: que só ele pudesse exportar anchovas. Pois bem, ao exigir esta legítima segurança viu-se logo um grande «negócio» e foi-se tudo «por água abaixo». E os sete ou oito dólares que se garantiam na ocasião, com a promessa de que os industriais seriam compensados à medida que a mercadoria fosse obtendo valorização, ficaram reduzidos àquilo que os interessados sabem e que não nos agrada circunstanciar.

Continuamos pertinentes no nosso ponto de vista: exportação através de uma única entidade, seja ela qual for: agremiação de industriais, Instituto de Conservas ou qualquer mero agente comercial, tomando-se para o efeito as medidas que o interesse geral aconselha sem grande preocupação por interesses singulares que para o conjunto só contam como elementos discordantes e prejudiciais. Não damos o nosso aplauso ao que julgamos ser prejudicial à nossa economia — a limitação. Só poderíamos desconfiar com esta quando se verificasse que de facto essa desgraça tinha vantagens. Não as olbrigamos ainda e por isso continuamos a defender o ponto de vista, que julgamos ser o melhor, de que se deve encarregar um organismo único de transaccionar as anchovas. Creemos que todos teriam que lhe agradecer e nesta emergência não escassearia o espaço no *Jornal do Algarve* para o aplaudir. De qualquer modo, o que desejamos é que se chegue a um entendimento que seja proveitoso para todos. E devemos advertir as partes interessadas de que importadores americanos leem e anotam o que sobre este problema dos biqueirões se tem escrito no *Jornal do Algarve*. Esperemos que eles não discordem do nosso ponto de vista — pelo menos aqueles que trabalham com uma base honesta.

O que nos disse um industrial de filetagem acerca do problema do biqueirão

O sr. António Jacinto Ferreira, com fábrica em Olhão, é um dos mais activos industriais de filetagem. Esta circunstância dá-lhe o direito de ser consultado sobre o problema magno que tanto aflige o Algarve. Vejamos o que respondeu às nossas perguntas:

— Vê algumas vantagens no possível condicionamento da exportação dos filetes de biqueirão para a América do Norte? Quais são elas?

— O possível condicionamento teria como resultado evitar o excesso de exportação de anchovas para a América, o que tem originado vender-se a mercadoria ao desbarato.

— Dando-se o caso da indústria estar abastecida de matéria prima para a sua laboração normal, que destino se dará ao biqueirão que vier às lotas e que já não possa ser adquirido pela indústria? É certo que constitui medida acertada a limitação do fabrico de sardinha sem pele e sem espinha. Mas enquanto a sardinha se presta a vários tipos de fabrico, o mesmo se não dá com o biqueirão. Repetimos, que se faria ao excedente deste peixe?

— Desde que a indústria estivesse abastecida para a sua laboração normal, o excesso da pesca seria aproveitado pelas estivas, para exportação de biqueirão salgado para vários mercados, a exemplo do que se fazia no passado (antes da proibição da exportação do biqueirão salgado).

— Que papel ficaria a desempenhar a indústria das salgas?

— A indústria das salgas faria o que sempre fez: o comércio de peixe salgado, quer para venda às fábricas de molhos e filetagens, quer para exportação, desde que, como é justo, se liberte a exportação do excesso do biqueirão salgado.

— Tomando-se como base para a contingentação a produção dos últimos cinco anos, não haverá o risco de se prejudicar alguns industriais que por qualquer motivo tenham laborado menos do que o normal da sua capacidade?

— A contingentação, baseada na média dos últimos cinco anos, parece não prejudicar ninguém, porquanto quem mais não fabricou nesse período foi porque não quis ou porque não pôde. Porém, se esse tempo fosse considerado insuficiente para apuramento de resultados mais rigorosos, poderia ser aumentado para oito ou dez anos, considerando-se esta medida em relação às fábricas antigas, enquanto que, para aquelas estabelecidas recentemente, seria fixado um contingente em harmonia com a categoria industrial de cada fábrica, ou atribuindo-lhes contingentes suple-

mentares, como foi feito com as sardinhas sem pele e sem espinha. — A natural elevação de preço dos filetes de biqueirão que será provocada pelas medidas que se sugerem não facilitará aos nossos concorrentes espanhóis, marroquinos e jugoslavos a colocação dos seus biqueirões nos mercados importadores, já que, segundo julgamos saber, adquirem a matéria prima mais barata que os nossos fabricantes?

— A fixação dum preço justo para as anchovas em nada irá facilitar a concorrência estrangeira, como não a facilitou durante o tempo em que as caixas de 100 latas de 2 onças eram vendidas, sem dificuldade, a \$10,00, enquanto que hoje se vendem por pouco mais de \$6,00.

— Não lhe parece que em vez das medidas preconizadas se confiasse a venda dos filetes de biqueirão a uma única entidade, proibindo-se as exportações que não fossem feitas através dela?

— A ideia de ser criada uma única entidade para a venda das anchovas tem sido alvitada por diversas vezes e tem já sido também objecto de vários estudos. Todavia, tem sido essa ideia sempre contrariada por motivo de diferentes inconvenientes e de dificuldades de organização.

O mercado americano supresta bem o preço de 14 dólares

Esgotadas as perguntas formuladas, quis e muito bem, o sr. António Jacinto Ferreira fornecer mais os seguintes esclarecimentos:

— Dos vários estudos que se têm realizado, para a solução do problema das anchovas, o único posto em prática — em princípio com grande êxito, mas infelizmente destruído pela ganância desmedida dos homens — foi o da O. C. A., de tristes recordações. Se bem que possa parecer um paradoxo, foi, na minha opinião, a melhor e a mais útil organização no género, criada até hoje, mas, por outro lado, também a de efeitos mais ruinosos, simplesmente porque, sendo o negócio bom naquela altura, todos os fabricantes se lançaram para o máximo de produção, originando uma super-abundância de anchovas no único mercado comprador. Como resultado, veio o aviltamento dos preços que, estando na base de \$14,00, fixada pela O. C. A. (por caixa de 100 latas de 2 onças), acabaram em \$7,00. Desta baixa surgiram enormes prejuízos, tanto pa-

A CONTINGENTÇÃO

da exportação dos filetes de anchovas inutilizaria a indústria das salgas

Apreciemos agora os pontos de vista da indústria das salgas. Foram-nos eles expostos por três industriais de Olhão e Vila Real de Santo António que em comum elaboraram as respostas às nossas perguntas:

— Como encara a indústria das salgas as medidas que se pretendem adoptar para uma possível normalização do fabrico e exportação do biqueirão?

— Refere-se certamente ao contingentamento da exportação de filetes de anchovas em azeite. As salgas não encaram evidentemente essa medida como favorável e a prová-lo está a exposição, assinada pela quase totalidade dos fabricantes de conservas de peixe pelo sal, enviada oportunamente ao Instituto Português de Conservas de Peixe. Pois se as salgas só vivem hoje quase exclusivamente do biqueirão em salmoura, que vendem, praticamente na sua totalidade, às filetagens e aos industriais de molhos, ficariam sem esses compradores desde que o contingentamento se efectuasse, porque cada unidade industrial conhecedora do seu contingente iria abastecer-se nas lotas do biqueirão fresco ajustado a todo esse contingente. Que fariam então as salgas?

— Consideram essas medidas lesivas dos interesses das salgas?

— Sim. Os industriais de salgas ficariam inutilizados.

— E acham que tais medidas trarão alguns benefícios à nossa indústria ou acabarão elas por dar alento aos nossos concorrentes espanhóis, marroquinos e jugoslavos?

— Não vemos que benefício possa surgir dum cerceamento à exportação e, consequentemente, à produção. A produção é a fonte de riqueza de qualquer país. Porque se faz uma Campanha de Produtividade em Portugal? Não é certamente para restringir a produção, mas sim para a incrementar, porque ela é fonte de divisas e de prosperidade. Se, na realidade, e a despeito do que é normal, se viesse a contingentar a exportação, os nossos concorrentes espanhóis, marroquinos e jugoslavos iriam, como é óbvio, conquistar-nos clientes e mercados. Não temos sobre este aspecto qualquer espécie de dúvida.

— **BARDAHL** —

ra a indústria portuguesa como para os importadores americanos que, confiados na fixação dos preços, tinham comprado grandes quantidades de mercadoria.

«De que o mercado, naquela altura, suportava bem o preço de \$14,00 não restam dúvidas, porquanto foram feitas muitas vendas a preços superiores, para marcas bem introduzidas no mercado.

«Também não restam dúvidas de que a concorrência da Espanha, Jugoslávia e Marrocos já existia, embora em pequena escala, mas também é certo que as anchovas portuguesas eram preferidas, como o prova o facto de terem igualmente grande superioridade no preço, traduzindo-se essa diferença por \$4,00 em caixa.

«É provável que a concorrência das anchovas estrangeiras esteja presentemente mais desenvolvida, mas estou certo de que as portuguesas se vendem no mercado americano com uma diferença de \$3,00 a \$4,00 por caixa, como igualmente não duvido de que qualquer país concorrente não tem possibilidades de vender anchovas a menos de \$8,00 e as nossas são hoje vendidas a pouco mais de \$6,00. A mão-de-obra em qualquer dos países concorrentes é superior à nossa, no que respeita ao custo respectivo, em mais de 100%, aparte a técnica das nossas operárias, por motivo dos muitos anos em trabalho consecutivo. Sendo contingentada a exportação de anchovas para a América, dentro dos limites de consumo, estou certo de que os preços se estabilizariam e os importadores americanos, ganhando mais confiança no negócio, interessar-se-iam então pelo mesmo, o que hoje não sucede com muitas casas importadoras que o puseram de parte.

«Porque, apurado como está que o consumo de anchovas nos Estados Unidos da América atingiu o nível máximo de 350.000 caixas, aproximadamente (base duas onças), se, para esse mercado, for exportado o dobro, isso é, evidentemente, forçar a capacidade de consumo e, consequentemente, aviltar os preços.

«Ao contrário do que muitos supõem, não é apenas pela diferença de preço que se vendem mais anchovas na América, como não é também o consumidor americano o beneficiado dessas diferenças, as quais são aproveitadas, na sua quase totalidade, pelos oportunistas que, inteligentemente, tiram partido da nossa desorganização industrial.

Parece que seria aconselhável tentar novos mercados dos quais estamos ausentes

— Não lhes parece que a medida mais racional e vantajosa para todos seria confiar-se a uma única entidade a exportação do biqueirão, pondo-se assim termo à lamentável anarquia de preços que a todos prejudica?

— O Instituto Português de Conservas de Peixe tem uma Secção Comercial. Essa Secção, revigorada, atenta aos nossos problemas, apoiada pela indústria e pelas entidades oficiais, poderia prestar-nos um bom auxílio, exportando ela própria os biqueirões, quer transformados em filetes de anchovas, a quem próprio em salmoura, a um preço único, bem estudado. Para isso os industriais de salmouras e filetagem deveriam ser auscultados, quer nos Grêmios, no Instituto Português de Conservas de Peixe, no Conselho Geral, onde quer que fosse e sempre que problemas que os afectam especificamente fossem abordados. Com uma organização bem moldada, estruturada na colaboração efectiva de todos os interessados, fortalecida pela boa vontade, estaríamos aptos a encarar os mercados, os que já temos e que não sabemos explorar e aqueles de que necessitamos ainda. Efectivamente, em vez de se restringir a produção, como alguns industriais preconizam, nós somos de opinião contrária, isto é, achamos que a produção deve aumentar quanto possível, para benefício de toda a indústria, daqueles que directa ou indirectamente da mesma indústria vivem, e da própria economia nacional, e que se conquistem novos mercados. Se mais produzimos, de mais clientes temos necessidade. Assim, seria de toda a vantagem que as nossas entidades oficiais e o nosso Governo procurassem objectivamente fortalecer alguns tratadados comerciais débeis e estabelecer contactos com outros países como sejam os de Leste e Oriente, países com uma população de quase um bilião de habitantes, eventuais consumidores. É natural que dessas diligências a Secção Comercial do Instituto Português de Conservas de Peixe pudesse tomar, em contrato, uma encomenda de x mi-

À CONSTRUÇÃO CIVIL

CHAPAS DE

AGLOMERADO DE CORTIÇA

PARA ISOLAMENTO

DEFESA DAS HABITAÇÕES CONTRA O FRIO E O CALOR
IDEAIS PARA VARANDAS E TERRAÇOS

CANELAS & FIGUEIREDO, L.^{DA}

Telefones 25058, 24502 e 21729 — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

FÁBRICAS EM LAGOS



ASSIM É A MINHA ALDEIA

Conclusão da 1.ª página

futebol, pelas corridas de bicicletas, ou, mais pacatamente, pelo «jogo dos bonecos». Falam da sua vida e da vida dos outros, queixam-se das agruras do tempo ou das incertezas do trabalho. Bebem uns copitos para esquecerem tristezas, até «arrastarem a asa». Transmudam a alegria em briga e vão curtir a zoinha para casa, implicando com a companheira, para depois dormirem o sono dos justos. Novo dia surge e a vida recomeça. O trabalho espera-os. É preciso ganhar para a «bucha». Uma vida bruta, parada, sem ambições — que para nada serve t-las!

As mulheres e as raparigas pegam na bilha e vão à fonte buscar água. Conversam. Dizem mal de meio mundo e, quando não têm mais de quem dizer mal, dizem mal de si próprias. Outras vezes vão lavar a roupa ao rio ou ao tanque. Há despiques, ditos provocantes, cantorias, rivalidades, mas a culpa é da vida parada da aldeia, dos dias sempre iguais, da magreza das jornadas dos «seus homens» e da carência da vida que não podem permitir boas disposições, nem fáceis entendimentos.

As raparigas novas e os moços derriçam. Trocam entre si mil promessas de amor eterno. Dizem blandícias e sorriem. Dançam ao som da «música a metro» ou nos bailes da «sociedade». Para eles, para os jovens, a vida é toda cheia de facilidades e de mil encantamentos. É muito fácil «juntarem-se os trapinhos» e viver-se uma vida nova, uma vida independente, longe das exigências e resmunguice dos «velhos». É assim que vale a pena viver a vida!...

Os garotos já não jogam o berlinda nem a «cabra-cega». Os garotos agora só querem ser homens. Os cabelos estão louros e as carnes morenas, por causa do sol. São vivos, ladinos, têm já a malícia no corpo. Andam sujos por causa da poeira ou da lama dos caminhos. Vão à escola a aprender o abc. Passam a perna por dentro do «quadro» da bicicleta e pedalam, naquela esquisita posição, dando lições de equilíbrio. As vezes arranjam um pau qualquer para servir de «moto», porque os «cavalos» também já estão fora de moda, mesmo para os garotos da aldeia.

Os velhotes, vergados pelo peso dos anos, ficam sentados às portas, a gozar os tédios raios solares. Descansam os cotovelos nos joelhos e amparam a cabeça com as mãos. Os rostos, sem expressão, estão cheios de rugas e os olhos piscos e miúdos, encovados nas órbitas. Os lábios meteram-se para dentro da boca, porque os dentes perdidos não podem mais cumprir a missão de ampará-los, e o queixo ganhou nova proeminência. Pensam, pensam nos seus dias de infância, na juventude e na vida; ou nem mesmo pensam: ficam plácida e simplesmente, a seguir com a vista débil os que passam.

No «café» da aldeia — nome que não condiz com a espelunca, mas pelo qual é conhecida — reúne-se a «fina flor», discutindo a «alta filosofia» dos sucessos do momento. E esses sucessos abrangem todos os campos, mesmo os mais dispares e inacessíveis: futebol, política, questões de trânsito, satélites artificiais, o mau estado das estradas que servem a aldeia ou: «fulano era um bom homem». Tudo serve para conversa — uma conversa que passa duto para aquilo com rapidez incrível, sem que se saiba como nem porquê, e na qual todos se acham habilitados a «botar pala-

lhares de caixas de filetes de anchovas em azeite, ou de biqueirão em salmoura, a preço único, e que assim se conseguisse mais um escoadouro para as nossas produções, mesmo que essas produções fossem anormais, como em 1957.

vra», seja qual for o assunto res-

sado. É bom viver na aldeia. É uma vida simples e inofensiva, rotineira, parada. Uma vida onde as tempestades acontecem sempre «num copo de água».

No entanto, esta vida parada, sem ambições, da aldeia, é uma vida que se estiola e perde ser proveito. Não é uma vida orientada no sentido do progresso — é uma vida que trava o progresso. É, principalmente, uma vida que não educa nem cultiva os homens, uma vida sem objectivo. E há tantas aldeias iguais...

Os homens cruzam os braços e envelhecem. As mulheres geram os filhos, dão-lhes o seio que os cria e os açoites que os castigam, quantas vezes sem critério nem razão. E mais nada.

É pena ver os homens nascerem, crescerem e morrerem na aldeia, sem uma finalidade, sem que a existência tenha um sentido pleno de conquista.

A aldeia moureja, triste. Alegria-se nos dias de romaria e cre, cre beatificamente quando passa a procissão. Leva as noites falando de coisas várias, discutindo acaloradamente o futebol, jogando os bonecos. Os jovens namoram, muito juntos, ternamente, trocando carícias. Os garotos não jogam a «cabra-cega» nem aos «cinco cantinhos», nem cantam: «fui ao jardim da Celeste, giroflá, giroflá». As viúvas vivem tristes no seu luto e as solteironas esperam que a sorte lhes bata à porta. As mulheres lavam a roupa no tanque ou no rio e vão, à tardinha, buscar água ao charafiz. Há um grupo que joga a malha ou o chiniquinho. Outro que se prepara para disputar a grande partida de futebol. A «sociedade» enche-se de pares redopiantes e ruidosos que dançam ao som da orquestra desafinada. Por vezes o «grupo dramático» representa a «Rosa do Adro» ou qualquer outra coisa semelhante. De tempos a tempos os saltimbancos improvisam um circo. Quando sai a procissão estroalejam os foguetes e moiteiros e a banda de música percorre as ruas enchendo o ar com os seus acordes. O padre disserta com fluência sobre os pecados mortais. O correio leva a correspondência sempre às mesmas pessoas. E nas tardes de segunda-feira criticam-se os resultados dos *desafios* do domingo.

A aldeia é um pequeno mundo. Os meninos vão à escola aprender o b-a-bá. As lojas vendem de tudo: mercearias, drogas, carvão, retiros e riscados. O barbeiro é o informador local e ficamos pasmados como pode saber tanto quem está todo o santo dia agarrado à cadeira do ofício...

O ferrador é o entendido em questões de pernas e braços deslocados ou partidos, ou de «espinheiras caídas».

O sino da capela chama à oração os fiéis e a vida continua, rotineira e tranquila, mas parada — parada, sem passado, sem presente e sem futuro.

Só o doutor dá uma nota de progresso quando chega no seu automóvel.

José dos Santos Marques

— **BARDAHL** —

RAUL FOLQUE & FILHOS, L.^{DA}

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

As conservas **FOLQUE** são produtos

de ALTA QUALIDADE

Escolas técnicas

Para as escolas de ensino técnico profissional adiante mencionadas, foram nomeados, por conveniência urgente de serviço, os seguintes professores provisórios: Escola Industrial e Comercial de Lagos: D. Julieta Maria José Pinu, 5.º grupo — 1.º grau; dr.ª Maria mília Horta Nobre da Veiga e rev.ª Domingos Duarte Boiça e Eudoro dos Santos Vieira, 8.º grupo — 1.º grau; dr.ª Bernardette de Lourdes Ferreira de Castro, 11.º grupo — 1.º grau e dr.ª Maria Luísa Viegas Cardoso, 11.º grupo — 2.º grau. Escola Industrial e Comercial de Silves: sr. Manuel Palmeira Martins, 2.º grupo — 2.º grau; D. Maria Rosa Nunes, 4.º grupo — 2.º grau e dr. José Vitorino Formosinho Mealha, 10.º grupo.

Também por conveniência urgente de serviço foram aprovados os contratos inerentes ao exercício das seguintes funções: Escola Industrial e Comercial de Faro: D. Maria Filipa de Brito Mariano Rodrigues Domingues, professora de canto coral e sr. Rolando Alberto da Silva Simões, auxiliar de trabalhos manuais; Escola Industrial e Comercial de Lagos: D. Maria Rosa Gonçalves Marreiros, professora de educação física e sr. Álvaro da Silva Martins, mestre de serralharia; Escola Industrial e Comercial de Silves: D. Maria Teresa Pinto Reis Calado, professora de canto coral. D. Emília Aurora Cabido Estiveira Ataíde, mestra de grafias e sr. António dos Santos Ventura, mestre de serralharia.

Escolas primárias

Foi nomeada adjunto do delegado escolar no concelho de Monchique, a professora da escola masculina da sede do mesmo concelho, D. Maria Manuela da Encarnação Palma.

— Foi exonerada, a seu pedido, a professora do quadro de agregados do distrito escolar de Faro, D. Maria Clara de Oliveira Martins.

— Foi nomeada professora do mesmo quadro, D. Maria José Rocha Carapeto.

Postos escolares

Foi nomeada regente do posto escolar de Vale da Murta (1.º), (Tavira), D. Maria Rolanda Geraldo Viegas.

— As regentes D. Leonilde Rosa Tavares, do posto escolar de Vale Silves (Loulé), D. Maria Arlette, do de Carotelo (Alportel), D. Ilda Nunes dos Santos, do de Andrezas (Loulé) e D. Guilhermina das Neves Guerreiro, do de Foz do Ribeiro (Silves), foram transferidas, respectivamente, para os postos escolares de Ferreira (Albufeira), Cova da Muda (Alportel), Corcitos (Loulé) e Poço Barreto (Silves).

— A seu pedido, foi exonerada a regente do posto escolar de Estorninhos (Tavira), D. Olga Maria Adelaide Mata Branco.

— O posto escolar de Azia, da freguesia e concelho de Aljezur, passa a denominar-se posto escolar de Ameixeira, na mencionada freguesia e concelho.

Educação de adultos

Foram criados os seguintes cursos de educação de adultos: masculino, em Água Velha, freguesia de S. Marcos da Serra (Silves) e mistos em Alportel, freguesia de S. Brás de Alportel (Alportel) e Alcantarilha (Silves).

JORNAL do ALGARVE

«Poemas da Solidão Imperfeita»

Conclusão da 1.ª página

minha que, justa ou injusta, é a que figurará aqui, no intuito de servir aos leitores deste jornal.

Sujeitar o pensamento a um certo número de convenções fixas conduz ao risco de se perder nele o mais importante: a espontaneidade. Em poesia, sobretudo, toda a convicção é uma grilheta; isto na medida em que obriga a alterar a ideia pura que um estado de alma determinou.

A inspiração dá a forma precisa, mas a métrica e a rima, opondo limites a essa forma, transformam o genuíno em artificial; um artificial mais harmonioso, mais cantante, que nem sempre compensa o grave defeito da ideia aleijada.

Estes são os grandes argumentos dos defensores do verso sem rima. Não podemos ou não devemos pôr balizas convencionais ao poeta. A poesia, será assim, tão somente, liberdade e ritmo. Dentro desta lógica estou ao lado de Casimiro de Brito, e de acordo com o processo seguido no seu livro.

Mas se a lógica põe, o hábito dispõe. O hábito de ler verso rimado e metrificado fez de mim um «bota de elástico», e obriga-me a confessar, envergonhado, uma certa admiração pelas poesias de Nobre, onde há uma ideia escravizada a uma tônica rígida, a uma métrica rígida, a uma rima rígida. Neste ponto convém advertir do seguinte: Nós, os «bota de elástico», não é destas peias que gostamos. É da poesia com peias que, a despeito delas, ainda consegue ser poesia.

Depois... o hábito tiraniza. Levado pelo hábito de ler verso rimado, o ritmo do verso branco mal me entra pelo ouvido. Por mais esforços que faça fico sempre na impressão de estar perante um género especial de prosa, mais ou menos salpicado de símbolos, mais ou menos dificultado pela expressão formal; mas prosa, sempre prosa efectivamente.

através da qual o desespero se descomprime. É uma válvula de escape. O poeta, em pensamento, vive num outro mundo, numa ilha verde que ele ideou. E só para ela tem alma, e só por amor dela admite a necessidade de viver.

Esta visão da ilha verde é, afinal, a musa inspiradora do poeta, e determina-lhe, consoante pondera o subjectivo ou o objectivo, ora versos duma humildade redimidora, ora versos duma revindita implacável. Por vezes os dois extremos tocam-se, levando a esta confissão: «eu tenho afinal flores e punhais dentro de mim» (pág. 56).

Estes poemas que temos presente encontram-se marcados por algo de indefinido. Exigem um esforço de interpretação para os podermos sentir. Mas após esse esforço, facilmente se reconhece que «Poemas da Solidão Imperfeita», traz com ele a mensagem da gente moça que sabe esquadriñar o seu meio, olhando sempre para a frente. Daí, a solidão imperfeita, que vem no título, talvez pudesse ser substituída por qualquer coisa que nos falasse desse horizonte indefinido, onde a solidão do poeta parece ter encontrado o ambiente ideal para deixar de ser só.

Negámos que houvesse em Casimiro de Brito qualquer queda para o saudosismo. Da sua infância dá-nos nota em dois ou três versos (pág. 51). Da natureza do seu e nosso Algarve topam-se apenas ligeiras referências. O que avulta, e constitui a obra, são os queixumes do hoje, que uma crença firme no amanhã parece diluir, produzindo, a espaços, uns momentos furtivos de alegria. Esse amanhã encontramos-lo nós

sob as mais diversas formas: «Dia luminoso das rosas quotidianas inspirador de «imagens eléctricas» que o poeta não criou ainda (pág. 14); Futuro que rouba o lugar na terra àqueles que o olham, erguendo-se da mesma terra (pág. 17); «novo horizonte onde o verde é mais verde e a vida é mais vida» (pág. 20); «verde mundo de beleza onde se contém um «novo horizonte» através dum «caminho agreste mas belamente virgem» (pág. 49); «aceno branco dos meninos redondos correndo a sorrir para o futuro» (pág. 50); «cabo da boa esperança» que «existe algures para lá dum novo cabo das tormentas» (pág. 53); «braço mole e branco... apontando um mundo de suor e pão em troca» (pág. 60); «esperança ainda incontável através dos meus dias tristes» (pág. 66); «via por onde o poeta segue todo «sorrisos pelo caminho completamente nudo e calmo em corpo e em espírito» (pág. 68). etc. etc.

Em que consiste este amanhã tão intensamente simbolizado em «Poemas da Solidão Imperfeita»? Não se sabe. É o que a poesia tem de indefinida. Podem fazer-se conjecturas mas... apenas conjecturas. Por isso, nós ficamos por aqui, na ideia de termos lido um livro de anseios espreitando sobre um amanhã qualquer, e nada mais.

E para quê mais? O livro de Casimiro de Brito, acima de tudo, é um documento humano. Escrito com força interior, com convicção, com sinceridade, ele consegue transmitir-se a quem o lê. Se não tivesse outras virtudes, e já vimos que as tem, esta bastaria para o creditar à curiosidade do leitor.

J. Silva Carvalho

O ATUM

Conclusão da 1.ª página

O poema de Casimiro de Brito abre com um pensamento de Ramon Jiménez que parece marcar uma orientação. Fala-nos ele duma verdade presente, sem história. Quer isto dizer: Em «Poemas da Solidão Imperfeita» o passado não conta, o saudosismo não tira nem põe. E, de facto, página após página só se encontra o presente objectivo e o futuro, este despojado de amálgamas e formas mais variadas e em remate da maior parte dos pensamentos.

Casimiro de Brito não nos parece ser nem um sonhador, nem um contemplativo, nem um convencional. O que nele se nota é uma alma ardente em anseios bem positivos, inconformada, in-submissa, que encontrou no verso a linguagem própria para se exprimir. Ao longe, em segundo plano, a crença firme num ideal domina tudo; a tal ponto tudo que até o ser do poeta nem sequer lhe pertence:

Todavia existo
Existo sem me pertencer
Defino-me: Sou isto
Que vive porque tem de viver

Este desapego à vida não merece que percam tempo com ele. No fundo é apenas uma forma

Depois da desova, ou postura, os ovários ficam completamente vazios, de paredes espessas e reduzidas a certos sacos; e nos machos os testículos, também vazios, salvo em certas ocasiões, em que têm ainda um pouco de sêmen, apresentam-se encurtados, isto é, reduzidos em comprimento; e, após a desova, em razão da falta da enorme dilatação dos ovários e testículos, o atum apresenta o corpo mais agudo e com forma dorsal e ventral mais suave.

O atum quando maduro apresenta, em grande parte do dorso, cor azul escura e intensa, mas, após a desova, essa cor empalidece em razão de a zona prateada do ventre estender os seus domínios até ao dorso, reduzindo desta forma, naturalmente, a superfície azul intensa que é característica manifesta deste peixe em pleno estado de maturação. A membrana natatória, que apenas se encontra dilatada durante a maturação sexual, está completamente inchada nos exemplares desovados.

O atum é, do mar, um majestoso e importante filhote, pois é esbelto, possante e veloz. Alguns povos tinham-no em grande apreço e, como tal, cunham-no nas suas moedas e, de um deles, até, foi símbolo de opulência.

Atum é o nome dado a várias espécies de peixes acompterígeos pertencentes ao género «Orcynus», Lutken (Thynnus, Cuv., Scomber, Lin.), da família dos escombrídeos, e que se encontram espalhados pelos mares quentes e temperados de todo o mundo.

O atum comum (Thynnus Thynnus) atinge cinco metros de comprimento e novecentos quilos de peso.

O atum que frequenta a costa de Portugal

Nas costas de Portugal encontram-se as seguintes espécies de atum:

- 1.ª, Orcynus Thynnus, Lin.;
- 2.ª, Orcynus Alalonga, Lin., e
- 3.ª, Orcynus Albacora, Lowe.

A primeira espécie é a que atinge maiores dimensões. Alcança, por vezes, dois metros de comprimento e possui cerca de 300 quilos de peso. Apresenta a cor azul escura na região dorsal e as cores acinzentada e prateada, respectivamente, nas partes laterais e na região abdominal.

O corpo apresenta a forma de elegante fuso. É muito robusto e obeso na parte média, nomeadamente na região torácica. O focinho é de forma cônica e de pouca altura e a boca não é muito extensa, relativamente ao volume do corpo. Os olhos são pequenos. Dispõe de duas barbatanas dorsais, duas peitorais, muito desenvolvidas, duas abdominais, uma anal, uma caudal, em forma de meia lua, oito barbatanas falsas, na linha do dorso até ao rabo, e oito em baixo, em posição simétrica. A carne é de cor ligeiramente avermelhada, quase sem espinhas e de sabor muito agradável.

A segunda espécie distingue-se da anterior pelo grande desenvolvimento das barbatanas peitorais.

A terceira espécie diferencia-se das restantes pelo grande alongamento da segunda dorsal e da anal, ambas falsiformes e terminadas em ponta aguda. As peitorais atingem o extremo da primeira dorsal.

A corrida do atum na nossa costa

O atum «corre» ao longo da costa Sul do Algarve e «aterra» na costa da Andaluzia desde as Arenas Gordas até à entrada do Estreito de Gibraltar e, também, na parte da costa do Noroeste de África que, daquele estreito, se estende para o Sul.

A esta costa vem o atum, na época própria, para efeito da desova ou postura, recebendo nessa ocasião o nome de «atum de direito», que é o mais gordo e apreciado para o consumo.

O atum forma então cardumes, dispondo-se neles em linhas contínuas, a que os pescadores dão o nome de «fios de atum», com orientação de marcha bem definida, em média Leste, aproximadamente como qualquer navio navegando a dado rumo.

A orientação da marcha do atum,

As Caldas de Monchique

centro de turismo e de cura?...

Conclusão da 1.ª página

evoluiu num sentido e não noutro. Por isso, a minha reflexão resume neste momento certos factos. Desejo expressar a sinceridade do meu pensamento e do meu sentir, não vindo com a pretensão de apresentar matéria a sábios ou eruditos. As minhas considerações, embora insignificantes, de alguma coisa poderão servir à causa turística das Caldas de Monchique, preocupação que se resume em muito pouco:

Não saber a razão, por que continuam as Caldas de Monchique sem o devido aproveitamento termal, em relação ao valor das suas condições naturais e dos seus méritos, desperdiçando-se uma fonte de riqueza extraordinária, e dando-se preferência ao engarrafamento das suas águas. Representará isto um maior benefício para a causa turística desse centro, com condições de cura e de repouso excepcionais, que poderia ser o mais procurado de Portugal? Ponderem, meus senhores, no grande problema das Caldas de Monchique.

Arnaldo Martins de Brito

S. Bartolomeu de Messines

Iluminação — Desde do dia 16 que começou a ser iluminada a electricidade toda a estação ferroviária desta localidade, as residências dos respectivos funcionários e as residências particulares e casas comerciais situadas junto à estação, melhoramento esperado há vários anos, tantos quantos a sede desta freguesia dele beneficia.

Também as aldeias de Portela de Messines e Messines de Baixo, aguardam ansiosamente que até elas chegue a iluminação eléctrica, pois distam respectiva e aproximadamente cinco e sete quilómetros da sede da freguesia a que pertencem — S. Bartolomeu de Messines.

Esperam pois os seus moradores que as entidades competentes removam as dificuldades existentes, a fim de que, o mais breve possível, possam também beneficiar de tal melhoramento. — C.

por via de regra, só é alterada ou modificada, quando não cai em qualquer das armações fixas ou móveis, por motivo relativo ao aparecimento de qualquer embarcação ou navio que momentaneamente ame-dronte, por razões respeitantes à presença do seu temível inimigo, que é o roaz, ou, finalmente, por causas relativas à configuração geográfica das costas ou de obstáculos que nelas porventura existam.

Depois da desova o atum regressa ao domicilio, caminhando então em sentido inverso, aproximadamente Oeste, rumado ainda como qualquer navio ou embarcação, apresentando-se muito mais magro, razão porque diminui de valor.

Tem agora o nome de atum de revés. O atum anda quase sempre à superfície e, excepcionalmente, mergulha, em procura do fundo, preferindo as águas claras para se aproximar da terra.

Os pescadores são unânimes em atribuir ao atum uma força considerável, quando é perseguido pelo roaz, ou quando se sente ferido pelo arpéu, a despeito de, em quaisquer outras circunstâncias, ser imensamente manso e tímido.

Entre o atum branco e o avermelhado do Mediterrâneo há grande diferença, quer no ponto de vista biológico, quer sob o aspecto alimentar.

O atum atlântico tem a carne mais fina e o seu preço é quase duplo do preço do atum do Mediterrâneo.

José Salvador Mendes

O próximo artigo intitula-se: Distribuição geográfica do atum. Seu comportamento.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Conservar no pensamento
Um amor que se perdeu...
Só haverá um por cento!...
E esse um por cento, sou eu.

PEDRO SAMUEL

Gambém na cozinha se

pode ser artista

Barquinhos de batata com ovos — Escolhem-se batatas grandes e duras, descascam-se, cozem-se e depois abrem-se a meio retirando do centro de cada uma, com todo o cuidado, um bocadinho de miolo.

Na cõvinha que fica, deita-se um bocadinho de manteiga em cada uma (tanto como um grão de ervilha) e sobre ela se abre um ovo pequeno. O ovo abre-se dentro de cada meia batata depois de estas já estarem todas dispostas numa assadeira untada com azeite ou manteiga. Rega-se tudo com algumas colheradas de água de caldo gordo, tapa-se e leva-se ao forno até os ovos estarem coagulados.

Quando prontos, servem-se com fatias de presunto ou fiambre na mesma assadeira ou depois de passadas para outra travessa, o que requer mais cuidado para que se não desmanche cada barquinho.

O valor alimentar da couve

A couve é um vegetal folhudo de grande valor nutritivo e de sabor bastante agradável.

A couve manteiga possui 4,50% de hidratos de carbono, 1,4% de proteínas, 0,10% de gorduras. A couve tronchuda contém 2,60% de hidratos de carbono, 1,80% de proteínas, 0,80% de gorduras. A couve é portadora de boa quota de ferro, contém cálcio em boa proporção e pequena quota de fósforo; possui também teor de vitamina A e C.

Devemos usá-la, de preferência, ligeiramente cozida. Para isso corta-se em estreitas tirinhas e leva-se a uma panela com gor-

dura quente, cebola e alho, com alguns torresmos ficará; ainda mais saborosa. Em 2 ou 3 minutos de fogo, estará pronta. Depois então põe-se o sal.

Outro modo aconselhável de prepará-la é em salada. Depois de cortada em tirinhas, coloca-se em água fervendo, sem sal, durante 2 ou 3 minutos. Cessada a ebulição é que se coloca o sal. Deixa-se esfriar e prepara-se a salada.

A água em que for fervida a couve não deve ser jogada fora e sim aproveitada em sopas ou outras preparações, porque uma parte dos minerais e vitaminas nela fica dissolvida.

Essas são as duas preparações mais convenientes para a couve, pois lhe conservam melhor o seu valor nutritivo, sobretudo a vitamina C.

Poros dilatados

Os poros dilatados desfeiam a pele do rosto e dão-lhe um aspecto desagradável. Quem sofra desta contrariedade, deve passar pelo rosto, de manhã e à noite, um pouco de algodão em rama embebido na seguinte mistura: Álcool, 90 grammas; Éter, 30 grammas; Mentol, 1 grama.

É fácil de reconhecer os resultados, após quatro ou cinco dias, e de futuro aplicar só duas ou três vezes por semana.

O doce nunca amargou

Ovos moles em soufflé — Põe-se meio arrátel de açúcar em ponto de pérola a passar para fio. Deixa-se arrefecer e juntam-se 6 gemas de ovos mexendo bem.

Volta ao lume até levantar fervura. Depois de frio juntam-se-lhe as 6 claras batidas em neve. Serve-se logo que a mistura esteja bem feita.

Há quem junte a este doce um pouco de amêndoa pisada.

É agora não ria!

O outro: — Você sabe que está a querer abrir a porta com o cigarro?

O borracho — Ó diabo! Querem ver que fumei a chave?!

50.000.000\$00 EMPRESTAM-SE

Em Hipotecas de Propriedades, em Lisboa, arredores e província, em fracções de 10 a 1.000 contos, ao juro da Lei. Aceitamos amortizações facultativas. Transacções efectuadas em 48 horas. Nada cobramos, adiantadamente, a título de deslocação ou avaliações.

A CONFIDENTE

(A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

Fundada há 23 anos

LISBOA

Rossio, 3-2.º

(Ang. da R. Augusta)

Telefs. 21391-30257-367765-367767

PORTO

R. Passos Manuel, 14-1.º

(Ang. da R. Sá da Bandeira)

Telefs. 28721-27011-31309-31729



Com esta tinta Até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

TRAV. DO GIESTAL, 4 (a R. Aliança Operaria) Tel. 637106 LISBOA

Fábrica Mecânica de Cordoaria

CASA FUNDADA EM 1834

JACINTO NICOLA COVACICH

CABOS PARA NAVEGAÇÃO E PESCA EM

MANILA - SISAL - CAIRO

LINHO - ALGODÃO

MALHETAS-FIOS PARA REDES

FIO DE CEIFEIRA-ATADEIRA

Endereço Telegráfico: CORDOARIA

TELEFONE 023034

BARREIRO